Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Ciência da Informação – FCI

BERNARDO DIONÍZIO VECHI

FERNANDA ALVES MIGNOT

Novo livro, novo leitor:
tecnologias aplicadas à leitura

Brasília
2011

BERNARDO DIONÍZIO VECHI

FERNANDA ALVES MIGNOT

Novo livro, novo leitor:
tecnologias aplicadas à leitura

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia

Orientador: Prof. Dr. Emir José Suaiden

Brasília
2011

V396 Vechi, Bernardo Dionízio.
Novo livro, novo leitor: tecnologias aplicadas à leitura / Bernardo Dionízio Vechi, Fernanda Alves Mignot. – 2011.
1 recurso online [xx f.] : il.

Monografia (graduação) – Universidade de Brasília; Faculdade de Ciência da Informação, 2011.
Inclui bibliografia.
Orientação: José Emir Suaiden.

1. Livro eletrônico. 2. Leitura. 3. Novas tecnologias de Informação e Comunicação. 4. Leitor pós-moderno. I. Mignot, Fernanda Alves. II. Suaiden, José Emir. III. Título.

CDU 028:004

Dedicamos nossa monografia à professora Dulce Maria Baptista, que inspira os alunos de nossa Faculdade, atuando como uma incrível e dedicada educadora.

Dedicamos também à nossa família, que nunca deixou de nos apoiar ao longo de nossa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, especialmente, ao nosso orientador Emir Suaiden, que de espírito aberto aceitou nos orientar em tão curto prazo.

À nossa família pelo incentivo diário, principalmente às nossas mães, Rosani Maria Vechi e Corina Alves do Couto.

Aos amigos Camila Mendes, Fernando Silva, Heloiza Faustino, Joanita Pereira e Miguel Ângelo pela boa vontade e disponibilidade em nos ajudar com sugestões e injeções de ânimo.

A todos que nos auxiliaram, direta e indiretamente, durante esse percurso acadêmico tão importante.

“Não tenho nenhum sentimento de culpa diante dos livros que não li e talvez jamais lerei; sei que meus livros têm uma paciência ilimitada. Vão esperar por mim até o fim de meus dias.”

Alberto Manguel

RESUMO

Trata da evolução da escrita e seus suportes, e do comportamento dos leitores ao longo da História. Foi realizada uma revisão de literatura sobre o tema, e uma pesquisa de campo para identificação de perfis e aspectos do leitor no decorrer da trajetória escrita. O objetivo do trabalho, então, deve-se primordialmente a identificação e análise das características observadas no perfil do novo leitor, traçado na pesquisa realizada. Tais características puderam ser mais bem delimitadas através do estudo do impacto das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação na sociedade, e das transformações nas maneiras de agir e interagir com a informação, impulsionadas pelos ambientes virtuais e o *e-book.* O método utilizado para a pesquisa de campo foi a aplicação de um questionário a leitores que já possuíssem familiaridade com ferramentas virtuais. Foi identificado o perfil do novo leitor encontrado na revisão de literatura, e houve novos resultados que trouxeram informações relevantes a cerca das preferências de suporte do novo leitor, e de suas expectativas diante da questão que envolve o fim do livro impresso. As principais conclusões alcançadas com o presente estudo foram de que, mesmo nos leitores mais jovens e familiarizados com ambientes de leitura virtuais, a preferência de suporte de leitura ainda é o livro tradicional. E que a crença sobre o destino do mesmo é, em sua maioria, tomada por opiniões que acreditam na sobrevivência do mesmo.

Palavras-chave: Hábito de leitura. Livro eletrônico. Leitura. Leitor pós-moderno. Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.

ABSTRACT

Deals with the evolution of writing and their supports, as well the behavior of the readers throughout History. A review of literature on the subject, and a field study to identify aspects of reader profiles in the course of history writing. This study, then, should be primarily the identification and analysis of the characteristics observed in the profile of the new reader, outlined in research. Such features could be better defined by studying the impact of New Information Technologies and Communication in society, and changes in ways of acting and interacting with information, driven by virtual environments and e-book. The method used for field research was the application of a questionnaire for readers who already are familiar with virtual tools. It identified the profile of the new reader found in the literature review, and there were new results containing relevant information about the new reader's support preferences, and their expectations about the issue involving the end of the paper book. The main conclusions reached in this study were that, even in younger readers familiar with virtual environments, the preference of reading is still the traditional book. And that belief about the fate of the book is mostly taken by opinions that believe in the survival of the same.

Keywords: Reading habit. Electronic book. Reading. Postmodern reader. New Information Technologies and Communication.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Amostra por faixa etária.....49

Gráfico 2 – Escolaridade.....50

Gráfico 3 – Preferência de Suporte.....50

Gráfico 4 – Fim do Livro?.....52

Gráfico 5 – Volume de Leitura em Mídias Digitais.....54

Gráfico 6 – Memória.....57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Suporte de leitura preferido por faixa etária 51

Tabela 2 – Previsão quanto ao fim do livro por faixa etária.....52

Tabela 3 – Previsão quanto ao futuro do livro em razão do volume de leitura em mídias digitais.....54

Tabela 4 – Volume de leitura em mídias digitais em razão do suporte preferido para leitura.....55

Tabela 5 – Previsão quanto ao futuro do livro em razão do suporte preferido para leitura.....56

Tabela 6 – Capacidade de concentração e memorização das informações lidas em mídias digitais em razão da idade 57

Tabela 7 – Capacidade de concentração e memorização das informações lidas em mídias digitais em razão do suporte preferido para leitura 59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
1.1 Justificativa 14
2 OBJETIVOS 15
2.1 Objetivo geral 15
2.2 Objetivos específicos 15
3 EVOLUÇÃO DA ESCRITA 16
3.1 Surgimento do livro impresso 17
4 O LEITOR E A LEITURA 20
4.1 O que é leitura 20
4.2 História da leitura 21
4.3 Formas de leitura 24
4.4 Tipos de leitor 25
5 AS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO, BASE DO NOVO LEITOR 28
5.1 Hipertexto 29
5.2 Surgimento do livro eletrônico 30
5.2.1 Vantagens e desvantagens do livro eletrônico 33
6 FIM DO LIVRO? 36
7 LEITOR DA ATUALIDADE 38
7.1 O NOVO LEITOR 38
7.2 "NATIVO DIGITAL", O NOVO LEITOR? 40
8 METODOLOGIA 43
8.1 Pesquisa aplicada 43
8.1.1 PESQUISA REALIZADA POR SANTAELLA 43
8.1.2 Interpretação dos dados da pesquisa realizada por Santaella 45
9 DELINEAMENTO DA NOVA PESQUISA 47
9.1 Universo e amostra 47
9.2 Coleta de dados 47
9.3 Descrição e análise de dados 48
10 CONCLUSÃO 60

REFERÊNCIAS.....63

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....66

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....67

1 INTRODUÇÃO

O homem, ainda na pré-história, sempre teve o desejo de registrar suas impressões sobre o mundo. Para transmitir ideias, trocar mensagens, desejos e necessidades, fazia uso de técnicas como a pintura rupestre. Com o passar do tempo e a percepção de que a oralidade e a "arte" já não atendiam mais às necessidades, o homem buscou novas formas de comunicação num instinto quase que inerente de organizar e resguardar sua história. É claro que depois de inúmeras evoluções, encontramos o objeto chamado, pelas palavras de Millor Fernandes, "L.I.V.R.O – Local de Informações Variadas, Reutilizáveis e Ordenadas" (*apud* FERNANDES, 2001, p.1). Em consequência das evoluções tecnológicas, surge o livro eletrônico com promessas de transformar hábitos. Fato que origina as discussões e polêmicas a respeito da extinção do livro impresso.

O presente trabalho delineia as características do leitor da atualidade, bem como as influências dos *e-books* nas maneiras de agir e interagir com a informação, e também, as influências que o ambiente traz para a singularidade de cada leitor, o que tende a inseri-lo em uma classificação generalizada. Entenda-se ambiente como o contexto histórico em que o leitor está inserido, e também as variáveis que esse contexto proporciona, como: tipos de suporte existentes; cultura vigente; tecnologias envolvidas; intenções sociológicas e outros.

Tal caracterização teve como base o estudo da leitura desde sua acepção na forma oral, que predominou na Antiguidade, passando pelo fato histórico da criação da Imprensa, a Revolução Industrial, até o surgimento das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação. As evoluções tecnológicas, tão velozes, trouxeram novos artefatos que auxiliam o homem em desenvolvimento, entre eles, o livro eletrônico, ou livro-e. Como será abordado, as novas tecnologias mudaram as maneiras de se ler, estabelecendo o perfil do leitor da pós-modernidade, que se desenvolve em um ambiente que possui a informação disponibilizada na Internet; além dos suportes convencionais; e que a cada dia cria ferramentas que facilitam mais esse acesso, tornando os caminhos da leitura cada vez mais infindos e passíveis de interação.

As acepções tomadas pela revisão de literatura se embasaram principalmente nas pesquisas e conceitos definidos pela autora Lúcia Santaella em seu livro, **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** Manguel e Fischer

também foram amplamente utilizados, no que se refere às bases históricas do presente trabalho.

Para elaboração do trabalho foram consultadas fontes bibliográficas que constam na base de dados da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE-UnB), na base de dados da biblioteca do Senado Federal, e websites pertinentes, através de pesquisas realizadas no Google. Entre elas artigos (13), trabalhos apresentados em congressos e conferências (8), trabalhos de conclusão de curso (2), livros (7), uma página de *website* (*quizz* Época) e 1 obra de referência.

Não houve delimitação quanto à data de publicação na pesquisa, apesar de só terem sido utilizados documentos publicados a partir de 1994.

1.1 Justificativa

A inclusão de novas tecnologias nas mais variadas atividades rotineiras, ou não, do homem pós-moderno suscitam questionamentos e polêmicas a respeito do fim do livro tradicionalmente impresso, bem como num paradigma sobre o método de leitura e perfil do leitor do século XXI. Esta pesquisa se justifica pelos impactos que as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação trazem à coletividade e a necessidade de se entender os aspectos constituintes do leitor da atualidade.

2 OBJETIVOS

O objetivo geral e os objetivos específicos são apresentados a seguir.

2.1 Objetivo geral

Identificar o perfil do novo leitor.

2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos são:

- Determinar as influências do *e-book* e o ambiente virtual nas maneiras de agir e interagir com a informação;
- Identificar as principais mudanças de hábito do leitor ao longo da trajetória escrita.

3 EVOLUÇÃO DA ESCRITA

A escrita surgiu na Mesopotâmia por volta de 4.000 a.C., como uma urgência consciente do homem-primitivo: a de registrar conhecimentos; preservar suas memórias; e por fim, mesmo que de forma inconsciente, aprimorar-se na escala de evolução. É nesse instante que se dá o fim da pré-história e o marco da História da Humanidade (MESQUITA; CONDE, 2008).

Inicialmente, os registros eram feitos sobre pedra, tabuletas de argila e madeira. Por se tratarem de objetos de difícil manuseio e armazenamento, outros materiais que servissem de suporte à escrita foram desenvolvidos. O papiro, desde o ano 2.400 a.C., era produzido pelos egípcios a partir de um tipo vegetal, que por ser de difícil obtenção, tinha uso limitado. Os rolos de papiro chamavam-se *volumens* e durante muito tempo serviram como objeto básico de registro. Já no século XI a.C., na cidade de Pérgamo, o pergaminho, oriundo de couro animal, passa a ser produzido e dele feitos também *volumens*. Diferente do papiro, o pergaminho era mais acessível financeiramente e por tal razão, sua propagação foi rápida e durante séculos permaneceu como suporte mais utilizado para a produção de manuscritos (MESQUITA; CONDE, 2008). Os códices ou *códex*, primeiros livros, surgem no século I, eram simples folhas de pergaminho dobradas ao meio que ao serem agrupadas, sequenciadas e costuradas, formavam cadernos. Esses conjuntos de folhas eram amarrados entre duas tábuas de madeira (com o propósito de pressionar as folhas de pergaminho e evitar ondulações), posteriormente ornamentadas (FERNANDES, 2001).

Nota-se nesse instante a preocupação não só de preservar a memória, mas também a preocupação em preservar o material. Para evitar contato com líquidos e proteger o material da umidade, as peças de madeira recebiam ressaltos de metal, de tal forma que o “miolo” fosse mantido seguro. As ornamentações das capas nos mostram a importância que o objeto livro tinha: guardião da informação e do conhecimento passado através de gerações (FERNANDES, 2001).

O papel, invenção chinesa datada do século II, feito de fibras de cânhamo ou casca de árvores, começa a compor os livros a partir do século XII. Na Europa, a introdução do papel deve ser somada ao início da popularização da escrita. Ainda que de forma vagarosa, mais e mais pessoas passaram a dominar esta forma de conhecimento, e o desenvolvimento das primeiras Universidades impulsionou esse

movimento (FERNANDES, 2001). Consequentemente o número de leitores também aumenta, e por isso, o mercado de manuscritos, em papel, sofre influências tornando os códices, feitos no novo suporte, rapidamente comuns. Corroborando com essa afirmação Rodrigues (2000, p. 3) diz que:

> O advento das Universidades fez surgir um novo mercado leitor que estimulou a produção de livros científicos. A atividade de produção trouxe conseqüências positivas: a evolução da arte, em relação ao aprimoramento das ilustrações; a evolução da escrita, com a simplificação dos estilos.

Até o século XV, os livros eram tão somente manuscritos, os monges calígrafos dedicavam-se quase que exclusivamente à arte copiar livros. Eram necessárias horas e dias para que uma cópia de determinada obra fosse realizada. No entanto, essas reproduções não serviam para consulta e leitura, eram patrimônios culturais que deveriam ser preservados e guardados para que a História da Humanidade e todo o saber existente se mantivessem reservado e a salvo (RIBEIRO; CHAGAS; PINTO, 2007).

Após a Revolução Francesa (1789-1799), a forma como a informação percorria entre a sociedade e os hábitos de ler sofreram uma evidente modificação. A Revolução Industrial (século XVIII), que marcou o fim do feudalismo e o ingresso no capitalismo, “propiciou à difusão do livro” (RODRIGUES, 2000).

3.1 Surgimento do livro impresso

Em 1448, a indústria gráfica surgiu da necessidade de se atender a quantidade de textos em forma seriada. O “Pai da Imprensa”, Gutenberg, com sua inovação altera sensivelmente o que se conhecia por produção de livros, ao desenvolver o primeiro modelo de impressora tipográfica. Segundo Fernandes (2001), criados os tipos móveis, feitos de liga metálica extremamente resistente, tornou-se possível a reprodução de várias cópias de um mesmo texto. Ainda que a máquina tipográfica permitisse uma revolução nos métodos de reprodução de livros, a arte gráfica não se tornou, de imediato, independente da arte manuscrita. Com alusão aos pensamentos de Chartier (1994), nesse momento, os livros impressos não estão totalmente livres de todas as características dos manuscritos. A presença do iluminador, para pintar letras capitulares e miniaturas; do corretor ou emendador, que acrescenta os sinais gráficos (pontuação), é obrigatória.

A “Bíblia de Gutenberg”, a B-42, composta por 1.282 páginas tecnicamente impecáveis, inaugura oficialmente a fundação da Imprensa no Ocidente. Os primeiros livros impressos eram chamados incunábulos. A tipografia[1] veio com a intenção de atrair maiores números de adeptos aos livros impressos. O objetivo da tipografia, baseada em tipos móveis, é simplificar o estilo da escrita e facilitar a orientação do leitor no decorrer do texto (RIBEIRO; CHAGAS; PINTO, 2007),

Como bem diz Amaury Fernandes (2001), para a maioria das pessoas, o objeto livro é considerado como uma das mais importantes fontes de registro e transmissão do conhecimento. Ele passa a ser, portanto, elemento de difusão da cultura. Rodrigues (2000, p. 3) reforça: “a invenção dos tipos móveis foi o fato que possibilitou os meios necessários ao desenvolvimento e disseminação dos conhecimentos acumulados”. Entretanto, durante muitos anos o saber permaneceu restrito. No início do século XV, o conhecimento – os livros – ficava sob a guarda da Igreja no anseio de oprimir a sociedade e garantir o poder sem contestações. Com o advento da Imprensa, o livro surge com o desejo da população de liberdade de pensamento e da palavra. Mesmo que restrito à aristocracia – homens do saber, as mudanças ocorridas na Europa influenciaram toda uma sociedade em busca do conhecimento e liberdade de expressão.

> Até o século XV, a civilização era composta predominantemente por analfabetos e, numa estrutura social baseada no pilar da Igreja e da nobreza, o controle social era efetuado pela fé e pelos dogmas. As escrituras eram impostas ao povo sem questionamento. Com a invenção de Gutenberg, a estrutura social ganha uma nova dimensão e passa a ganhar um novo sentido. A fé foi abalada, e o livro nesse contexto seria a “pedra fundamental” para a democratização não só da informação, mas de todo o modo de pensar em tempos futuros. De certa forma é impossível pensar em realidade sem pensar na contribuição da imprensa e do livro para o progresso das sociedades. (SCHILLING *apud* RIBEIRO; CHAGAS; PINTO, 2007, p. 31)

É importante não só ressaltar a relevância da Imprensa no tocante à popularização do livro e democratização da leitura, mas o impacto na forma de pensar da sociedade, caracterizando uma nova maneira de interagir com o mundo. As mudanças provocadas foram tanto políticas e sociais, quanto psicológicas. O processo gráfico de impressão de livros “facilitou a divulgação cultural: o aumento da produção reduziu os preços, tornando-o mais acessível” (RODRIGUES, 2000, p.3) e

[1] **Tipografia:** do grego *typos* — "forma" — e *graphein* — "escrita".

vai aos poucos mudando, também, a forma e o material com que as capas eram feitas e somente no século XIX o livro impresso adquire decisivamente o formato atual: capas, lombada e miolo.

4 O LEITOR E A LEITURA

Discutir-se-á o significado de leitura, afinal para se falar da evolução do leitor na História é primordial discorrer sobre as definições dessa prática. São envolvidos não só os sentidos humanos, mas também o processo de significação e de apreensão dos conhecimentos.

Ao imaginar alguém lendo, vem logo à cabeça a apreensão de palavras através da concentração, porém ler é muito mais que apenas se atentar a palavras e se concentrar (este num nível mais individualista), como veremos no tópico sobre a História da Leitura.

A leitura pode ser vista de forma a observar como as sociedades, as diversas culturas, movem o olhar sobre as palavras, signos e imagens. No Ocidente, por exemplo, lê-se linearmente na horizontal, da esquerda para a direita. No Oriente Médio, para algumas línguas como o árabe e o hebraico, a leitura é feita de modo diferente: na horizontal da direita para a esquerda. Assim também é feita a leitura no Oriente, em línguas como a japonesa e a chinesa, que também podem ter textos na forma vertical lidos de cima para baixo.

Nesta pesquisa serão ressaltadas as formas associadas ao processo de cognição[2] do indivíduo, e historicamente sobre a sociedade Ocidental.

4.1 O que é leitura

Entende-se por leitura a atividade desenvolvida pelo leitor de ler e interpretar um texto, numa prática social, na qual seus conhecimentos anteriores influem diretamente na capacidade de compreensão, memorização e significação dos dados descritos por aquele documento. Segundo Paulino (2009, p.9):

> Leitura pode ser então, compreendida como um processo complexo, que envolve aspectos cognitivos e de interatividade, no qual os conhecimentos prévios do leitor, suas experiências culturais, sociais e interativas, junto com as informações dos textos são acionados para formarem o sentido e a compressão da mensagem do texto.

[2] **Cognição**: conjunto de unidades de saber da consciência que se baseiam em experiências sensoriais, representações, pensamentos e lembranças. (HOLANDA, A. B., 1988)

Ainda no ato de conceituar leitura, Campos (2010) afirma que hoje, a leitura é vista como uma interação entre o leitor e o autor, intercedido pelo texto, onde todos os elementos incluídos estão situados em determinado contexto histórico-social. Paulino (2009, p. 9) complementa dizendo que:

> A leitura é sempre uma apropriação, invenção produção de significados [...] ela é cercada por limitações derivadas de capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura.

Compreende-se, portanto, que a leitura é uma prática individual que varia de acordo com o contexto em que o texto foi lido. Cada leitor possui sua maneira de ler e a compreensão da mensagem do escrito está sujeita a essas práticas de leitura e perfil cognitivo que mudam de leitor para leitor.

4.2 História da leitura

Antes da Imprensa, a oralidade era o meio pelo qual o conhecimento se propagava pela sociedade. A leitura em voz alta era marca da “cultura pré-impressa”. Dirigida a todos os presentes em grandes salões, as obras eram passadas boca a boca, - principalmente para aqueles que não sabiam decodificar os símbolos linguísticos -, num sentido bem gestual e teatral. Grandes exemplos de livros que foram escritos a partir de uma tradição oral, passada religiosamente boca a boca durante anos, e até séculos, são a Ilíada e a Odisseia de Homero, um grande clássico épico da sociedade Ocidental; e a Bíblia, que pode ser considerado o livro mais conhecido de todos os tempos. Ambos eram dotados de estórias e ensinamentos (no caso da Bíblia), que pertenciam a uma tradição oral e que, portanto já faziam parte do inconsciente mesmo daqueles que não sabiam ler.

Em seu livro, **História da Leitura**, Manguel (1997) pontua que a tradição oral “lia” textos sem pontuação ou distinção de maiúsculas e minúsculas, como nos antigos rolos, preparados para aquele que se incumbia da leitura oral. A partir disso, podemos perceber que a organização de ideias de um texto corrido, com pontuação, e outros recursos de ordenação, veio com a urgência de desembaralhar uma leitura que seguia sem regras, e também para atender àqueles que começavam a ler silenciosamente.

Simultaneamente à tradição oral, nos monastérios, com a pretensão de não incomodar os monges em suas meditações, a leitura dos livros era feita sem articulação vocal - leitura silenciosa. O silêncio obrigatório nas dependências das Universidades contribuiu para o fortalecimento do hábito silencioso de leitura, criando uma relação mais íntima entre o leitor e a obra (SANTAELLA, 2009).

Segundo Manguel (1997), o primeiro registro de leitura silenciosa, foi a de Santo Agostinho em seu livro **Confissões**, onde, absorto, observava Ambrósio, um orador extremamente popular, que lia com “olhos perscrutando a página, língua quieta [...]”.

A imagem que Santo Agostinho teve ao observar Ambrósio passa despercebida por nós nos dias de hoje. Fora do comum seria ver alguém declamando um texto para qualquer público que estivesse distraído em um ambiente urbano. Percebe-se, assim, que um “comportamento padrão” de se praticar o ato da leitura é variável de acordo com a época e cultura na qual o indivíduo está inserido.

> Os vários processos de leitura devem inevitavelmente se relacionar a finalidades culturais específicas e dependem dos modos contrastantes de interpretação oral, institucionalizados por determinada cultura. (HARRIS apud FISCHER, 2006, p. 11)

A passagem da leitura oral para o novo tipo de leitura silenciosa teve diversos fatores envolvidos, desde as pequenas mudanças que visavam à praticidade no dia a dia das pessoas, até as invenções revolucionárias que com esta ou outras intenções, aos poucos iam modificando as práticas arraigadas de antigamente. Soares (2002, p. 149) afirma que o “espaço de escrita” influenciava as formas de escrever, e também o contrário, na realidade parecia ser a evolução da escrita que exigia e empurrava tais espaços a evoluírem então, concomitantemente.

A partir da segunda metade do século XV a Imprensa surge e com ela os primeiros exemplares do livro impresso. O movimento de alfabetização e a popularização dos livros impressos serviram para contribuir no efeito exponencial de meditação individual. A erudição passaria a ser algo não mais exclusivo de poucos estudiosos (quase sempre membros da Igreja); e logo, também, para fins de entretenimento que passariam de recitações a multidões, à leitura de senhoras da nobreza, que silenciosamente apreciavam os seus romances. (MANGUEL, 1997). Neste momento, devido à pequena quantidade de títulos impressos, a leitura

tornava-se intensiva – processo marcado pela reverência e respeito aos livros, apoiado na escuta e memória (SANTAELLA, 2009).

A leitura silenciosa, como dito por Manguel (1997), assim como qualquer prática que fugisse à tradição também havia de ser condenada, pois a leitura silenciosa já não permitia a constante fiscalização e revisão dos homens da fé, a mente se abriria "para o perigo da preguiça – o pecado da ociosidade" (MANGUEL, 1997, p. 68). Porém, sabe-se que nenhuma censura foi capaz de conter a naturalidade da leitura silenciosa, que se fixou em nossa sociedade de forma perene.

Depois do século XVII mais títulos recebiam o formato impresso, o que implicava na mudança do objetivo dos leitores. A leitura tornou-se extensiva (da concentração à dispersão de informações), já que a finalidade do leitor era ler mais sobre determinado assunto. Para Chartier (1998 *apud* SANTAELLA, 2009, p. 22) a leitura extensiva "consome muitos textos [...] sem conferir nenhuma sacralidade à coisa lida". Nesse momento a leitura religiosa sofre decadência e os romances e livros científicos ganham ênfase; o número de alfabetizados cresce vertiginosamente, os livros impressos ficam mais baratos e acessíveis atingindo todas as classes da sociedade.

Soares (2002, p. 147), à luz de autores como Ong, Parry, Lord, Havelock e Goody, ressalta nesse novo hábito, importância da escrita para o processo de internalização da leitura. A autora também chama atenção para o fato de que há diversos tipos de letramento[3], e que começamos a internalizar o tipo, do qual a sociedade atual presencia. Tipo esse que não pode ser investigado se não falarmos das novas tecnologias que nos proporcionam novas experiências e novos hábitos de leitura. Séculos e inovações tecnológicas depois, depara-se com o contexto atual, onde coexiste o livro impresso e o livro eletrônico. Os tipos de leitura e os tipos de leitores já não são mais os mesmos.

> Cada período histórico apresenta fatos importantes que guia o mundo ou define o modo padrão de organização social, que passa a determinar a maneira de pensar, de produzir e de agir dos indivíduos em determinado contexto. (RIBEIRO; CHAGAS; PINTO, 2007, p. 30)

[3] Para Soares (2002), o letramento pode ser entendido não só como prática, mas como fenômeno que está inerente a sociedades que fazem o uso da escrita como forma de comunicação e de apoio cultural, o indivíduo está inserido em um ambiente que contém diversas formas e práticas de internalização da forma de leitura vigente à época, contexto cultural, ou de denominada região.

4.3 Formas de leitura

Steven Roger Fischer introduz seu livro **História da Leitura** colocando observações importantes acerca das formas mais básicas de se perceber como se dá a leitura, duas maneiras distintas consideradas básicas num leitor, ou seja, numa primeira percepção ou você lê de uma forma ou de outra.

> A leitura não é apenas a união do som ao grafema, o que ocorre apenas no nível mais básico. O significado está envolvido, e de modo fundamental. Em um nível mais avançado de percepção, a leitura pode, até mesmo, exprimir significado isoladamente, sem recorrer ao som. (FISCHER, 2006, p. 11).

Pode-se tomar a primeira forma analisada por Fischer (2006), como uma leitura comparável à oral, o grafema e o som são importantes na formação de um sentido, que muitas vezes nos vem apenas ao final da leitura de uma frase ou parágrafo. E essa leitura pode acontecer internamente, sem que seja colocada para fora, a ouvintes. A segunda forma une a leitura dos grafemas ao sentido das palavras simultaneamente, sendo que às vezes o grafema sequer é individualmente notado, separado do significado todo, atribuído àquele bloco de informação.

Sendo assim, Fisher (2006, p. 13) diferencia as duas formas de leituras, a "leitura mediata" e a "imediata", sendo a primeira uma forma mais técnica de se ler, onde se passa o olhar apreensivo sobre cada palavra a fim de se formar o sentido. A outra forma é o que muitas vezes reconhecemos como "leitura dinâmica", pois passa o olhar sobre o sentido próprio da palavra, que encobre esses sinais. A "leitura imediata" é fruto de uma sociedade que lê para si, que não divide a sua leitura, a menos que haja alguma segunda intenção para recorrer à prática, por exemplo, a leitura de um conto para um grupo de crianças. Antigamente os olhos recaíam sobre as palavras e era uma necessidade declamá-las para os outros.

Ainda no que concerne à estruturação, de acordo com Campos (2010), existem linhas teóricas que abordam a leitura em três sentidos: modelo ascendente, modelo descendente e modelo interativo. A distinção entre eles dá-se no sentido do fluxo da informação:

A. ASCENDENTE: parte da decodificação dos símbolos, em seções - letras para as sílabas; sílabas para as palavras e assim por diante - em análogos

orais, reconhecendo as unidades linguísticas. O sentido está diretamente ligado à estrutura do texto;

B. DESCENDENTE: parte do conjunto, privilegiando a significação textual. A compreensão depende do conhecimento prévio do leitor;

C. INTERATIVO: combinação dos modelos ascendente e descendente. Nesse gênero da leitura, incorpora-se tanto a decodificação quanto o conhecimento prévio do leitor para interpretar textos.

4.4 Tipos de leitor

A interação leitor-texto implica: linguagem; memória; apreensão do significado de um escrito. Existem vários tipos de leitor, diversos níveis de conhecimento. Baseado nos estudos de Santaella (2009) existe três tipos principais de leitores, diferenciados pelos tipos de habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas, são eles:

A. LEITOR CONTEMPLATIVO: leitor da Era do livro impresso e imagem fixa – do Renascimento até meados do século XIX. O livro torna-se objeto de posse do leitor, numa relação íntima onde o tempo dedicado à leitura é menor e mais complexo;

B. LEITOR MOVENTE: leitor do mundo híbrido – surge após a Revolução Industrial, principalmente com o aparecimento do jornal impresso. Acostumado à nova realidade: bombardeamento de info-publicidade, signos, formas e movimento;

C. LEITOR IMERSIVO: leitor da virtualidade, da “Era Digital”. Capaz de navegar de forma multilinear, não-sequenciada, num local que ele mesmo ajudou a construir – reflexo da própria rede cognitiva do leitor

Santaella (2009, p. 21) afirma que as reações provocadas por um escrito não estão alheias ao formato do suporte que o contém. A passagem dos escritos em rolos à maneira mais prática, que o suporte livro representava, trouxe uma nova forma de leitura, e com isso novos comportamentos de leitura e organização dos textos.

O leitor contemplativo, assim caracterizado por Santaella (2009), nasce de uma nova maneira de se ater às palavras escritas, transformando-se no chamado "leitor dos tempos modernos". Diante de si há uma peça que contém informações, e unida ao seu mundo de informações já armazenadas, é criado um ambiente fértil a novos conhecimentos. É nesse ambiente que, segundo a autora, o leitor contemplativo dedica-se exclusivamente à obra não lhe roubando a atenção o que está a sua volta.

> Esse tipo de leitura nasce da relação íntima entre o leitor e o livro, leitura do manuseio, da intimidade, em retiro voluntário, num espaço retirado e privado, que tem na biblioteca seu lugar de recolhimento, pois o espaço de leitura deve ser separado dos lugares de um divertimento mais mundano (SANTAELLA, 2009, p. 23)

"O ser humano passou a se preocupar muito mais com a vivência do que com a memória" (SANTAELLA, 2009, p. 27)

É através das modificações históricas da sociedade que vai surgindo o dito por Santaella (2009) o "leitor movente, fragmentado", aquele que nascido à época da Revolução Industrial, vê a produção em série alimentando o Capitalismo, e a massificação do novo interesse mundial: o mercado, a mercadoria. É nesse sentido que, segundo a autora, surge a publicidade, e logo se vê o bombardeamento de informação, seja por imagens, textos, ou com a própria voz.

Santaella (2009) descreve e enquadra o "leitor movente" mencionando os novos formatos de disseminação da época. Os meios de comunicação se tornaram tão ágeis quanto à urgência de tomar conhecimento de fatos do novo cidadão. O jornal se apresentava como melhor exemplo do tipo de leitor que surgia: prático, com conteúdo diverso e resumido, preenchido de comerciais, ou seja, tudo o que o leitor precisa saber naquele momento sobre aquele momento. "Aparece assim, com o jornal, o leitor fugaz, novidadeiro, de memória curta, mas ágil. Um leitor que precisa esquecer, pelo excesso de estímulos, e na falta do tempo para retê-los" (SANTAELLA, 2009, p. 25)

Ainda, para Flusser (apud SANTAELLA, 2009, p. 176) há três tipos de leitura: "o sobrevoar apressado; o farejar desconfiado; e o desdobrar cuidadoso." O que nos remete mais uma vez aos tipos de leitor descritos por Santaella. Podemos identificar semelhanças dos tipos de leitor enumerados por Santaella, com os tipos de leitura que caracterizam os tipos de leitor mencionados também por Chartier (1994, p.5): a leitura intensiva e a leitura extensiva. Onde a primeira nos remete ao leitor

contemplativo, por ser um tipo que lê um volume menor, não de informações, mas de volumes, e que assim mantém uma intimidade maior com suas leituras, chegando até a decorar os textos. Já o leitor extensivo se compara ao leitor interativo, aquele que têm ânsia por um volume de leituras maior, e que faz ligações entre um e outro, criando nexos, tornando-os conhecimento.

Após tomar conhecimento sobre as características de cada leitor, que possuem cada um a sua peculiaridade na maneira de ler, e que guiada a priori pelo seu contexto temporal-social, surgem novos estudos que visam compreender o leitor pós-moderno, aquele que não se dissocia da interatividade, em suas leituras.

5 AS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO, BASE DO NOVO LEITOR

Ao falar sobre as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), no âmbito em que foram discutidas as novas formas de leitura, o *e-book*, ou livro eletrônico é o primeiro formato a se pensar. Talvez ele seja a maneira mais autêntica de se imaginar um livro à mão com todas as facilidades tecnológicas que seu suporte nos proporciona. Após várias idealizações e anseios, com a evolução da tecnologia informática, o surgimento da Internet, a criação de suportes menores com cada vez mais recursos de praticidade, o novo personagem que surge: o internauta, que tem às suas mãos o tão sonhado livro eletrônico, (SILVA e BUFREM, 2001, p. 7) sendo o *Rocket e-book* o primeiro a ser comercializado nos Estados Unidos, a partir de 1998. Hoje se tem como exemplos, o *Kindle* da *Amazon*, e o *iPad* da *Apple*.

O livro eletrônico talvez seja um dos mais novos e idealizadores surgimentos dentre as TIC, porém cabe dizer que sem a grande ferramenta de disseminação global de informação o *e-book* não estaria tão bem suplantado. A Internet é essa ferramenta, que proporciona uma disponibilização infinda de informações e uma gama de possibilidades a usuários que desejam compartilhar suas idéias, idealizar projetos. Em outras palavras, a **comunicação** e a **informação** nunca mais foram as mesmas após o surgimento da Internet. Segundo Lima (2010) a Internet, que surgiu em 1969 à época da Guerra Fria, tinha a função, a princípio, de interligar centros de pesquisas. Mais tarde, proposta por Tim Berners-Lee foi criada *World Wide Web*, *3W*, ou *WWW*, onde tal centro de armazenamento de informações daria acesso a outras pessoas, funcionando como um grande sistema de recuperação de informação. Hoje, com *Web 2.0* a Internet passa de oferecedora de informações a grande centro de publicações dos internautas, onde o usuário acessa e intervém no produto de seu acesso.

Porém como toda novidade que é contestada, ou posta à frente de seu ente substituído, as Tecnologias de Informação e Comunicação devem ser vistas como um método aperfeiçoado de grandes criações, precursoras e algumas vezes insubstituíveis. Como aponta Oliveira (2002, p.5):

> Nova tecnologia não é panacéia, não resolve todos os problemas. É meio, e não fim. Destarte, impossível considerar que tecnologias e métodos «velhos» estão descartados. O processo pressupõe coexistência pacífica, uso adequado de cada meio e forma. Tudo que é novo têm o velho como substrato. As novas tecnologias redefinem as velhas, dando às mesmas

> novas finalidades. As interações surgidas em ambientes virtuais somam-se às preexistentes, criando uma alternativa viável de comunicação e aprendizagem. O uso conjunto das técnicas disponíveis abre horizontes praticamente ilimitados [...].

É nesse novo meio de infinitas possibilidades que o perfil do novo leitor se constrói. É também nesse ambiente que o leitor deve se atentar à qualidade e validade das informações apresentadas, na Internet o espaço é amplo e livre, e os meios de controle sobre a informação pertencem exclusivamente ao próprio internauta. Como afirma Santaella (2009, p. 181) “nesses ambientes, todos se tornam negociadores de um fluxo indefinido de signos que surgem e desaparecem em função do acesso e das comunicações”.

Hoje é praticamente impossível viver alheio em relação aos acontecimentos que ocorrem em outros lugares no mundo. Isto é atribuído à forma como as Tecnologias de Informação evoluíram e vem evoluindo. As criações humanas seguem no intuito de facilitar a vida em sociedade, principalmente da forma como nos comunicamos. A leitura é a parte mais íntima do processo da captação de conhecimento à passagem da mensagem a outros indivíduos, é importante então avaliar e tomar conhecimento dos caminhos que essas inovações percorreram para que chegassem até nós.

A invenção atribuída a Gutenberg, o livro impresso não trouxe uma grande revolução no sentido de como se dava a leitura à época, mas tornou mais prática a confecção dos volumes, e criou um ambiente necessário (o da grande produção) às diferentes maneiras de se ler. Segundo Chartier (1994, p. 3) a maior revolução que se inicia é dos nossos tempos, pois além de modificar o suporte, e as formas de reprodução, instiga completamente a novas formas de leitura.

5.1 Hipertexto

As novas formas de leitura jamais poderiam ser bem entendidas se não fossem bem explicadas as implicações e a forma de funcionamento da nova ferramenta, possibilitada pelas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), o hipertexto.

Segundo Lima (2010), a ideia de hipertexto apareceu pela primeira vez, em 1945, no artigo *“As We May Think”* de Vannevar Bush, onde o autor dizia que esta

ferramenta funcionava tal como o pensamento humano, onde uma ideia tem conexão com outras informações. Sendo assim, a leitura no ciberespaço foge aos padrões da leitura tradicional, que contém uma “linearidade” e “hierarquização” completamente impossíveis de se identificar na mente pensante do homem. Da mesma forma, Araújo (2010) aponta o hipertexto como uma forma do leitor escolher o próprio caminho a ser percorrido pela sua busca de conteúdo, quebrando “a ordem de leitura hierarquizada e linear”.

Tecnicamente falando, o hipertexto pode ser considerado “um sistema informatizado que reuni [sic] blocos de dados conectados através de uma ponte de ligação” (LIMA, 2010). Ou como para Baladeli (2011, p. 5), que o define como um “emaranhado de nós” que podem ser acessados de forma livre pelo usuário. Para exemplificar, ao ler um artigo postado na *Wikipedia*[4] (enciclopédia on-line), é possível ter acesso a diversas outras páginas da Internet nessa única página de informação, basta que o autor do artigo atribua *hiperlinks*[5] ao longo do texto e até em uma imagem.

O hipertexto, para Soares (2002, p. 155) não possui autoria definida, mas é portador de uma multi-autoria. Por estar inserido num âmbito de intertextualização, acaba contendo várias contribuições para o seu corpo final. Soares (2002, p. 150) faz ainda a comparação entre ler através da ferramenta de hipertextos e da leitura em um livro quando diz que “a página é uma unidade estrutural; o hipertexto, ao contrário, tem a dimensão que o leitor lhe der”. Tais dimensões são mais bem descritas quando se observa a forma como o leitor da atualidade faz suas leituras. Utilizando-se desses recursos, cria-se o novo leitor.

5.2 Surgimento do livro eletrônico

O conhecimento e os livros ganharam a amplitude atual graças às transformações ocorridas na sociedade e, é claro, na produção de livros em série. Em outras palavras, na Imprensa. Segundo Chartier (1994), essa é a primeira revolução do livro – uma alteração técnica para produzir publicações e que ocasionou uma grande mudança na sociedade. Para chegar ao formato atual, o livro

[4] http://pt.wikipedia.org
[5] **Hiperlink**: é a ligação externa que se faz, dentro de uma página, a outras páginas da Web, com intuito de expandir ou complementar as informações contidas em um bloco de informação.

passou por muitas modificações. Primeiramente, os conhecimentos eram registrados sobre pedra e argila e serviam de guarda para pequenos registros (rápidas mensagens; registros contábeis; apostas), se comparados com o que se tornou possível com a evolução dos suportes informacionais. Já a segunda revolução, dá-se nos dias atuais, que modifica não apenas a técnica de reprodução do texto, mas a estrutura e o suporte que transmite os escritos.

No ano de 1945, início da Guerra Fria, Dr. Vannevar Bush, diretor do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento Científico dos EUA, escreveu um artigo intitulado "*As we may think*". Resumidamente, neste artigo, Bush relata suas experiências de desenvolvimento de novas tecnologias e idealiza o primeiro protótipo de uma máquina de leitura (o que muito se assemelha com o então *e-book*), a qual ele deu o nome de MEMEX[6]. Para o funcionamento ideal do que ele considerava ser a "biblioteca do futuro", o conceito de acesso a uma rede interligada com servidores de conteúdo era necessário. Hoje, essa rede de conteúdo é entendida como a *WWW* (*World Wide Web*) (FABIARZ; NOJIMA, 2003).

Apesar do grande tamanho e tecnologia limitada (quando comparada com o que hoje é disponível), a mesa com sistema de armazenamento de filmes, incluindo notas manuscritas, fotos e registros datilografados, operada por alavancas é um prelúdio do que viria a ser um computador atual, de mesa ou de bolso, conectado à Internet.

Segundo Silva e Bufrem (2001, p. 3), em 1968 o cineasta Allan Kay que também trabalhava na empresa *Xerox Corporation* previu o aparecimento do que chamou de *Dynabook*, um aparelho que possuiria a mesma aparência de um livro só que com duas telas ao invés de várias páginas. Nele o leitor poderia ler e armazenar uma grande diversidade de livros.

Num primeiro momento, mais precisamente em 1971, os livros digitais eram disponíveis apenas para visualização em computador. O marco do início da digitalização de textos é o Projeto Gutenberg[7] iniciado por Michael Hart, com o objetivo de disponibilizar obras culturais completas em domínio público. Estreando, portanto, a primeira Biblioteca Virtual. Somente em 1998 as empresas envolvidas com indústria editorial, a *Nuvomedia Inc* e a *SoftBook Press*, produzem os

---

[6] **MEMEX:** *Memory Extension* – Extensão da Memória, em português
[7] http://www.gutenberg.org/wiki/PT_Principal

chamados *E-readers devices*[8] (respectivamente o *Rocket eBook* e o *Softbook Reader*), aparelhos portáteis para leitura de livros e outros documentos eletrônicos, como revistas e jornais (PASE, 2010).

O *e-book*, ou em português livro-e, é um dispositivo eletrônico portátil, com tela plana de cristal líquido colorida (LCD) ou *eletronic ink*[9](*e-ink*), sensível ao toque. Com acesso à Internet que, possibilita em menos de um minuto, fazer o download de um livro; alta capacidade de armazenagem de dados, que depende da marca e modelo (exemplo: 512MB[10] permitem armazenar aproximadamente 350 livros digitais); programa operacional interno para fazer indexação dos textos e, através de um buscador, realizar pesquisas na biblioteca interna; diferentes ferramentas, como: marcador de página; controle de luminosidade para leitura em ambientes escuros; dicionário; opção de sublinhar ou marcar o texto; ajuste das fontes; e ainda, a possibilidade giratória de texto para documentos em que a leitura é feita de forma horizontal (PASE, 2010).

Por muitas vezes o significado de *e-book* aparece relacionado a documentos digitalizados, porém, sua acepção abrange um maior campo. Para Chartier (1998 *apud* SANTOS; ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 3) "a criação de formatos próprios para o livro digital, atende à necessidade de desvincular o livro eletrônico da massa de textos eletrônicos que circula pela Internet". Baseado no trabalho de Bottentuit Junior e Coutinho (2007), para que um livro seja considerado eletrônico é imprescindível que se atenda critérios, como:

A. ASPECTO ESTÉTICO: espaçamento, fonte, cor, contraste;
B. UTILIZAÇÃO DE RECURSOS MULTIMÍDIA: sons, imagens, gráficos, vídeos;
C. INTERATIVIDADE: alterar tamanho da fonte, fazer anotações, quizzes e etc.

Resumidamente, o *e-book* é um pequeno artefato tecnológico projetado para a leitura de arquivos textuais gratuitos ou pagos, com capacidade de armazenamento variável dependente de marca e fabricante. Lembrando que,

[8] ***E-reader, e-reader device ou e-book reader*** é um dispositivo eletrônico portátil dedicado à leitura.
[9] ***Eletronic ink*** (*e-ink*) é uma tinta eletrônica utilizada para fabricação de dispositivos eletrônicos portáteis. Os quadros só mudam quando a página é virada, diferentemente da tela de LCD, em que os quadros mudam em média 60 vezes por segundo.
[10] ***Megabyte*** (MB) é uma unidade de medida utilizada para definir a quantidade/ tamanho de memória ou a capacidade de armazenamento de dados de um banco de dados.

comumente, o livro-e também é entendido como “um texto em formato digital obtido via Internet, através de *download*, ou até mesmo CD-Rom” (SILVA E BUFREM, 2001, p. 5).

Um *e-book* deve permitir uma leitura cruzada ou relacional, onde a possibilidade de recursos digitais permite maior interação entre o leitor e o livro, ou seja, a leitura se torna uma “estrutura em rede”.

5.2.1 Vantagens e desvantagens do livro eletrônico

O livro eletrônico desmaterializa o tradicionalismo impresso. Seu objetivo principal é disponibilizar um livro visualizado através de um computador ou dispositivo móvel - como os e-book readers. Segundo Menezes (2010, p. 29) à luz de Silva e Bufrem (2001), “o e-book foi desenvolvido por meio do aprimoramento de programas que simulam a diagramação do livro impresso”. A intenção das editoras é criar um meio digital semelhante ao livro convencional para atrair mais consumidores ativos dos e-books. O livro-eletrônico não perde as características fundamentais do livro impresso (orelhas, capítulos, sumários e etc.), ele apenas se apresenta em um suporte diferente, ou melhor, em um dispositivo de leitura distinto.

Os meios materiais não são apenas para dar suporte à escrita, ao conhecimento, mas também – sobretudo – para reunir e organizar os textos de forma que sua recuperação e consulta (em termos biblioteconômicos: acessibilidade e disponibilidade) sejam possíveis. O conhecimento do mundo é disseminado pelo veículo informacional enormemente respeitável: o livro, independente do suporte em que se apresente. Ventura (2003 *apud* BENÍCIO, 2003, p. 64) com muita propriedade diz que “somente o suporte mudará, permanecendo o conteúdo. Considerando o livro como veículo, podemos dizer que ele deixará de viajar por terra e seguirá sua viagem por ar”.

[F1] Comentário: O que está a bai em grifo amarelo é do Ventura? Se f é so colocar a referencia antes dos d pontos.

Os novos suportes apresentam características que reduzem a distância entre o livro e o leitor:

A. A possibilidade de reescrever, alterar e complementar um texto, em sua forma digital, com apenas o toque de um dedo, possibilita que ele não só adquira o conhecimento, mas também faça parte da sua construção, ou seja, permitem que o leitor seja o co-autor de uma obra;

B. As ferramentas disponíveis nos dispositivos eletrônicos facilitam o encaminhar da leitura;

C. O acesso à Internet admite o contato instantâneo com documentos de qualquer parte do mundo, em outras palavras, o rápido acesso a documentos, elimina as barreiras de tempo;

D. A capacidade de memória, do dispositivo permite armazenagem de vários livros – uma “biblioteca de bolso”;

E. A portabilidade também é uma conveniência, já que seu tamanho e peso são pequenos em relação ao livro impresso;

F. Os livros eletrônicos são ecológicos, quando relacionados à fabricação de papel.

O que era incômodo ao ler um livro na tela de um computador, *notebook,* ou celular, já não é mais problema. Os leitores eletrônicos, ou em inglês *e-readers* ou *e-readers devices*, são fabricados com papel eletrônico também chamado tinta eletrônica, *e-paper* ou *e-ink*. Ao contrário das telas de LCD, o papel eletrônico não emite luz, ele a reflete. Sua leitura cansa tanto quanto uma leitura em papel à base de celulose. Os dispositivos de leitura também são aliados da ecologia quando se fala em consumo de energia. A bateria de um *e-reader* dura, em média, duas semanas, o que permite a leitura de 10 obras diferentes de antes recarregar (PASE, 2010).

Entre todas as suas vantagens, o e-book também apresenta desvantagens em relação ao livro tradicional. Mesmo que existam obras completas e programas disponíveis gratuitamente, o aparelho específico preparado e dedicado à leitura possui alto custo. Em consequência, o uso do livro-e depende de condições físicas e tecnológicas, tornando-o restrito a uma parcela da população com maior poder aquisitivo. A produção de um livro eletrônico é mais cara do que a de um livro tradicional, o processo de digitalização possui elevado custo. O domínio da tecnologia emergente também é uma barreira, nem toda população é incluída digitalmente e está preparada paro o uso das novas tecnologias. A problemática do direito autoral é igualmente preocupante já que um documento eletrônico é mais suscetível de ser copiado e reproduzido de forma ilegal (“pirataria”) (MENEZES, 2010). A obsolescência tecnológica também é influente tendo em vista a dificuldade de se manter um padrão entre os equipamentos, ou seja, a velocidade com que a

tecnologia avança, causa a inutilidade de um produto em perfeito estado devido ao surgimento de outro item tecnologicamente mais avançado. Outro problema que aflige os novos formatos de leitura abrigados pelos novos suportes eletrônicos são as variáveis independentes e externas às possibilidades humanas.

> Para mim, quando leio hoje, as anotações que faço durante a leitura são mantidas na memória vicária do meu computador. (...) Trabalho também com medo de perder um texto 'memorizado' – medo que para meus ancestrais só vinha com as dilapidações da idade, mas que para mim está sempre presente: medo de uma falta de energia, de tocar na tecla errada, de uma falha no sistema, de um vírus, de um disco defeituoso, coisas que podem apagar tudo da minha memória, e para sempre. (MANGUEL, 1997, p. 8)

A inserção de novas tecnologias altera os hábitos e costumes de uma sociedade. As mutações não são apenas tecnológicas, são também sociais, econômicas e psicológicas. Com o aparecimento dos livros digitais, ainda no Projeto Gutenberg, as pessoas tiveram a possibilidade de recuperar a informação desejada por maneiras mais rápidas. Hoje, com o e-book e os dispositivos de leitura, o contexto em que a coletividade vive, é bem diferente. É de se esperar que o ato de pesquisar e interagir com uma informação também mude. Pase (2010, p. 7) afirma que "a difusão do computador na sociedade, com a consequente presença da Internet, não apenas reforçou a presença de uma cultura digital, mas pluralizou as ferramentas de leitura e criação de texto".

6 FIM DO LIVRO?

A necessidade de registrar informações e postergar memórias contribuiu diretamente para se pensar em novas maneiras de tornar dados e o conhecimento arquivado capazes de compor e recompor a História da Humanidade. Segundo Menezes (2010, p.13), “graças a esse bom hábito, originou-se à escrita”. A escrita em paredes, papiro, pergaminho, papel e agora, em meio eletrônico descrevem a evolução da sociedade, da escrita e dos métodos de uso da informação.

O novo século traz uma nova revolução, na qual os meios de comunicação e informação sofrem significativas mudanças. De acordo com Silva e Bufrem (2001), “os meios que transmitem ou sustentam [a informação] são cada vez mais complexos, demonstrando que a virtualidade do texto não prescinde do suporte que o acolhe e que este deve adequar-se ao homem”.

O surgimento de novos artifícios tecnológicos sempre foi visto como inimigo em potencial dos produtos tecnologicamente inferiores. O questionamento a respeito da anulação de um equipamento persiste até os dias atuais. A polêmica sobre o fim do livro impresso é debatida com avidez em vários momentos por vários estudiosos. Jean-Philippe de Tonnac na obra de Humberto Eco (2010, p. 7), **_Não contem com o fim do livro**, afirma:

> [...] se o livro eletrônico terminar por se impor em detrimento do livro impresso, há poucas razões para que seja capaz de tirá-lo de nossas casas e de nossos hábitos. Portanto, o *e-book* não matará o livro [...]

A prática de leitura em *e-books* é um processo gradativo, tendo em vista que envolve diferentes questões, como a cultura e economia de um país. Chartier (*apud* VILLAÇA, 2002, p. 62) aponta um grande motivo, quando diz que todas as vantagens do texto eletrônico são convenientes (por extinguir barreiras de tempo, espaço e seleção e oferecer rápido acesso às obras mundiais), porém, a leitura de fruição só “se completa com o contato corporal com o livro”. As mudanças culturais batem de frente com o perfil dos leitores, tendo em vista que muitos ainda não abrem mão de uma leitura em papel.

O mercado do livro eletrônico cresce em ritmo frenético, mas ainda é pequeno comparado ao que se esperava a partir de seu surgimento em 1998. A promessa de mudar hábitos e revolucionar a prática da leitura ainda não foi totalmente cumprida e as prateleiras permanecem cheias de livros de papel. A inserção de livros

eletrônicos num país como o Brasil, bem como a adaptação da população, é limitada por variantes econômicas e sociais. Num país onde existem problemas nas áreas educacionais, de incentivo à leitura e inclusão digital, a substituição dos livros impressos por eletrônicos ainda é realidade distante. Outros obstáculos que dificultam a disseminação do *e-book* segundo Menezes (2010), são a problemática dos direitos autorais e o alto custo, tanto dos dispositivos preparados à leitura, quanto dos exemplares em formato eletrônico.

Na verdade, o *e-book* não vem com o desejo de abolir o livro impresso, mas surge como produto da inércia do movimento tecnológico em que a sociedade se encontra. O homem do século XXI emprega a tecnologia em todas as atividades mentais e práticas, rotineiras ou não. Logo, o surgimento do livro eletrônico não era inesperado, mas afirmar que o livro impresso está sentenciado é dificílimo.

7 LEITOR DA ATUALIDADE

7.1 O novo leitor

O leitor do século XXI possui competências perceptivo-cognitivas mais variadas do que o leitor do passado. Segundo Ramal (*apud* SOARES, 2002, p. 151):

> Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertexto, sem limites a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podem compor e recompor a cada leitura.

O novo perfil é resultado do acúmulo de informações e ferramentas hipermidiáticas capazes de expor conceitos complexos de maneiras instantâneas e diversificadas. A necessidade de se entender a trajetória e as influências de uma nova tecnologia é imprescindível, tendo em vista que a inclusão de ferramentas e suportes informacionais modernos transformam os próprios indivíduos e, portanto, as práticas de leitura (PAULINO, 2009). A cibercultura possibilita intercâmbios entre os leitores-escritores e escritores-leitores, num informar e ser informado simultâneo.

O que caracteriza o leitor da pós-modernidade; aquele que acompanha as mudanças tecnológicas de maneira a quase não notar o sentido revolucionário que elas trazem; é aquele que segundo Santaella (2009) estrutura um caminho, escolhe nexos dentre as possibilidades detidas para obter a informação. Os nexos criados são na realidade, caminhos traçados pelo leitor dentro de sua mente, formando a conexão leitor-texto, ou melhor, leitor-autor. É dentro da perspectiva da teoria dos esquemas[11] que Campos (2010, p. 3) procurou compreender a interação entre o leitor e o autor. Os esquemas podem ser entendidos (KLEIMAN apud CAMPOS, 2010) como todo o *background* de informação que possuímos guardados em nossas mentes, adquiridos por experiências vividas, conhecimentos adquiridos posteriormente e que se modificam, se adaptam à nova entrada de informações no dado momento. Essa interação é mais bem descrita no “modelo interativo” de leitura, que segundo Campos (2010) atribui um papel ativo ao leitor, onde as informações

[11] “Esquema, de acordo com Kleiman (2004), é o conhecimento que temos guardados na memória de longo-prazo sobre assuntos e eventos típicos de nossa cultura, podendo ser modificado conforme o nosso conhecimento do mundo é alterado.” (CAMPOS, 2010, p. 5)

de seu conhecimento prévio se mesclam às novas entradas de dados, trazendo um dinamismo onde,

> O leitor deixa de ser um mero receptor de mensagens e assume o papel de co-autor, já que a construção de sentidos ocorre na medida em que o leitor, para compreender a idéia do texto, deve desempenhar uma função ativa no processo, estabelecendo relações entre o seu conhecimento anterior e o conhecimento construído a partir da leitura. (CAMPOS, 2010, p. 6)

A leitura interativa é considerada por Campos (2010) uma evolução e junção das duas formas descritas no “modelo ascendente”, e ”modelo descendente”. O primeiro visto como (NUNAN apud CAMPOS, 2010) a leitura que apenas decodifica os símbolos descritos, deixando ao leitor uma função passiva de sua ação. No segundo o sentido é construído através de prévio conhecimento do leitor, atribuindo então uma função ativa ao mesmo. A junção dos dois modelos mais as possibilidades que temos de participação através das novas tecnologias e novos suportes propicia o ambiente certo para que o leitor interativo surja. Campos (2010, p.3) conclui então que a “leitura é um processo dinâmico e social, resultado da interação da informação presente no texto e o conhecimento prévio do leitor, possibilitando a construção do sentido, ou em outras palavras, a compreensão textual.”

As múltiplas funcionalidades do livro eletrônico permitem maior dinamismo na relação do texto com leitor, consequentemente, uma mudança no modo que se lê. O hipertexto - decorrente de uma ferramenta de programação denominada “linguagem html”-, diferentemente do texto impresso, é lido de forma multilinear, não-subsequente, de acordo com interferências individuais do leitor. Segundo Baladeli (2011), “a linearidade comum no texto impresso esbarra na versatilidade e na interatividade próprias do hipertexto em ambiente virtual.” Fabiarz e Nojima (2003) complementam dizendo que “a virtualidade dos novos meios destaca conteúdo de suporte, revelando a permeabilidade do suporte em relação ao conteúdo e, por relação inversa, a completa dependência do conteúdo em relação ao suporte.” Como Santaella afirma o atributo identificador do leitor imersivo - da virtualidade - é a interatividade:

> A leitura orientada hipermidiaticamente é uma atividade nômade de perambulação de um lado para o outro, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa e de leitura topográfica que se torna literalmente escritura, pois, na hipermídia, a leitura é tudo e a mensagem só vai se escrevendo na medida em que os nexos são acionados pelo leitor-produtor. (SANTAELLA, 2009, p. 175)

Como bem definido por Silva e Bufrem (2001, p. 11), “a transmissão eletrônica marca uma espécie de revolução da leitura, com vantagens específicas para o leitor”. Ávido por informação e novas descobertas, o novo leitor, também autor, cria seus próprios caminhos na leitura ao estabelecer critérios que o levem à compreensão de cada texto lido. Ao ler, compreender e acumular o conhecimento, auxiliado pelas suas relações interpessoais, o homem assume novas características de pensar e agir diante às tecnologias provenientes do mundo em desenvolvimento.

7.2 “Nativo digital”, o novo leitor?

Através da descrição de alguns pesquisadores, foi possível ressaltar algumas das características do leitor do nosso século. Sendo essas: participação/coautoria nas fontes de informação, leitura multilinear e interativa, preocupação com a vivência/experiência. Esse leitor utiliza as ferramentas tecnológicas, em suma as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação, com uma facilidade própria à de quem sempre viveu em tal contexto. Tais observações nos remetem a uma conexão óbvia de ideias: seria o novo leitor, então, o denominado “Nativo Digital”?

Expressão cunhada em 2001 por Marc Prensky (CARNIELLO, 2010); baseado em um teste realizado pela revista **Época**, “**Imigrante ou Nativo**”, os “Nativos Digitais” não tem receio de perder arquivos salvos no computador; o primeiro recurso que utilizam para realizar pesquisas é a Internet; não tem dificuldade em ler textos extensos na tela do computador; conseguem conversar com os amigos no *chat* enquanto navegam na Internet e ouvem música no mp3. Ou seja, como caracterizado por Monteiro (2008), os “Nativos Digitais” são multitarefa, pois são capazes de realizar várias atividades ao mesmo tempo.

É frequentemente disseminado o senso de que “Nativo Digital” é aquela pessoa que nasceu da década de 80 em diante, porém como observado por Palfrey (2011, p. 14):

> (...) colher os benefícios das ferramentas digitais significa algo mais do que ter nascido em determinado período ou ter acesso a um *laptop*. Para que os adolescentes percebam plenamente os benefícios oferecidos pelas novas tecnologias, será preciso superar três barreiras. A primeira tem a ver com o acesso básico a essas tecnologias e à infraestrutura relacionada, como eletricidade; a segunda envolve a aquisição das habilidades necessárias para utilizar as tecnologias, desde que estejam acessíveis; e a terceira

> origina-se de nossa limitada compreensão de como os jovens navegam no mundo *on-line*.

Um dado que demonstra a preocupação do autor e explicitada por ele mesmo é que apenas 25% da população mundial têm acesso à Internet, e 86% pode ter acesso à rede mundial através de computadores portáteis. Ou seja, devemos nos atentar para o fato que, o novo perfil é fruto de uma geração nascida em uma Era Tecnológica, porém essa incidência de perfil não pode ser totalitária.

Uma passagem que descreve bem o perfil do "Nativo Digital" é a do maior entusiasta, e estudioso dentro da área de ensino e aprendizagem aplicada a esses jovens:

> Os Nativos Digitais são acostumados a receber informações, muito rápido. Eles gostam de conjugar processos e multitarefas. Preferem gráficos *antes* do texto. Eles preferem acesso aleatório (como o hipertexto possibilita). Eles funcionam melhor quando conectados. Eles alcançam o sucesso com gratificações instantâneas e recompensas frequentes. Eles preferem jogos à 'trabalho sério'. (Isso soa familiar?) (PRESNKY, 2001, p.2, tradução nossa)

Ainda, segundo Prensky (2001), a nova geração passou, em média, menos de 5.000 horas de sua vida lendo, porém mais de 10.000 horas jogando vídeo game. Existem diversos vieses que discutem sobre a influência da tecnologia, sob diversos aspectos (psicológico, sociológico, fisiológico), nas pessoas e crianças da nova geração. Uns tendem ao pessimismo, alegando que as novas tecnologias causam apenas déficits. Outros estudiosos já são mais otimistas, e vêem todo um lado positivo no surgimento dessas ferramentas, e acreditam que as mudanças devem ser assumidas como "naturais"; Prensky é um desses casos. Porém, não cabe ao presente estudo aprofundar tal questionamento, e sim prosseguir com o tema suscitado.

O movimento contrário ao do "Nativo Digital" é o "Imigrante Digital", que segundo Carniello (2010, p.3), sempre terá um "sotaque". Por mais que se esforce a adentrar ao mundo tecnológico existem características próprias de uma pessoa que não está acostumada com esse novo mundo, tais como, imprimir e-mails para lê-los com maior facilidade, ler manuais para instalar programas, como dito pela autora, "Eles precisam da materialidade para que haja produção".

Algo importante a se pontuar é que a idade nem sempre é relevante para que se possa "classificar" uma pessoa entre "Nativo" ou" Imigrante Digital". John Palfrey, em seu livro **Born Digital***,* descreve o nível de interação tecnológica da pessoa segundo sua faixa etária e, digamos, interesse pela tecnologia. Existe uma categoria

em que a pessoa é genuinamente da Era Digital, porém não é caracterizado como um “Nativo Digital” por não se integrar a esse meio. Em contraposição há a categoria de pessoas que não nasceram nessa época, entretanto que está completamente inteirada desse movimento, o autor os classifica como “Digital Settlers”, algo como “Estabelecido Digital”.

O “Nativo Digital” surge como personagem da nova Era - a Era da Informação e Tecnologia. Caracteriza não só um novo tipo de cidadão e consumidor das novas criações digitais, mas um novo tipo de leitor: que navega para ler, e clica para virar a página.

8 METODOLOGIA

A monografia foi elaborada a partir de uma pesquisa documental exploratória, aplicada e descritiva. Através das informações levantadas pela revisão de literatura a respeito do perfil do leitor pós-moderno, pretende-se comprovar esse perfil por meio de uma pesquisa quantitativa. O instrumento de coleta de dados utilizado é um questionário com perguntas fechadas.

Por se tratar de uma pesquisa sobre outra; a realizada por Santaella, revelada em seu livro **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**; antes que haja qualquer esboço de uma nova pesquisa é necessário analisar como Santaella levantou os dados para tirar as conclusões que se pretende analisar. Definir que partes de sua pesquisa poder-se-á aproveitar, e/ou validar através de uma nova coleta de dados, e também, como parte da atual proposta, incluir novos questionamentos, que não foram explorados pela autora, e que fazem parte do objetivo do presente trabalho.

8.1 Pesquisa aplicada

Após a investigação sobre o tema arquitetada na revisão de literatura, com informações preciosas a respeito do perfil do leitor da pós-modernidade, pretendeu-se identificar e analisar esse perfil por meio de uma pesquisa aplicada. Como já dito, o instrumento de coleta de dados empregado foi um questionário com perguntas fechadas (APÊNDICE A).

Para que fosse possível analisar os resultados obtidos sob um novo paradigma, tornou-se primordial a elaboração de um resumo da metodologia, análise e resultados propostos pela autora Santaella.

8.1.1 Pesquisa realizada por Santaella[12]

A pesquisa da autora se dividiu em algumas fases, sendo que a primeira consiste em uma “observação pouco estruturada”, onde a autora buscou acompanhar informalmente o comportamento de usuários, a fim de encontrar

[12] A pesquisa realizada por Lúcia Santaella está descrita no capítulo 3 de seu livro, **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo,** p. 55-64.

embasamento para a abordagem a ser utilizada em sua pesquisa. Esse acompanhamento se tratou basicamente em questionar o usuário o porquê de algumas decisões tomadas ao buscar sobre determinado assunto na rede.

Na segunda fase, a autora aplicou um questionário piloto, onde o universo de usuários foi dividido em dois grupos: os familiarizados com o uso do ciberespaço; e usuários com pouca intimidade. Todos deveriam ter escolaridade mínima de segundo grau completo, com justificativa de que a escolaridade baixa não interferisse em outros tipos de problemas cognitivos.

Foram feitas as seguintes questões básicas como, nome, idade, uso do computador, uso da Internet, frequência de uso da Internet, entre outras. E também foram respondidas as seguintes questões abertas:

A. Grupo (a): "Que dicas você daria para uma pessoa que não tem familiaridade com a rede e que deseja começar a navegar?"

B. Grupo (b): "Que dificuldades você encontra para navegar na rede?"

As respostas das perguntas abertas foram pouco conclusivas considerando o âmbito cognitivo buscado pela autora. Através do questionário piloto, verificou-se que outro grupo, um grupo intermediário deveria segmentar a pesquisa. Sendo assim, foi feita uma nova divisão dos grupos: (a) o novato, (b) o leigo e (c) o experto[13]. O novato é aquele que não apresenta nenhuma familiaridade com a rede; o leigo possui certa familiaridade, já descobriu algumas rotas, porém não tem a familiaridade e competência de um experto, que reconhece cada sinal que aparece na tela.

Para substituir a fase da pesquisa de questões abertas, que não ofereceu respostas significativas foi feita uma nova pesquisa, uma entrevista participativa. Considerando cada grupo de usuário foi proposta uma tarefa de navegação, e através de seu acompanhamento, foi delineado o comportamento de cada usuário.

Para o usuário experto o problema dado foi: "encontrar informação sobre o campeonato paulista de futebol". Foi dada a seguinte avaliação para o usuário:

> [...] esse usuário sabe encontrar o que busca com grande velocidade. Não se perdeu, nem hesitou por nenhum momento. Sabe ir e voltar conhece o

[13] "**Experto.** Que tem experiência; experimentado, experiente [...]. Indivíduo que adquiriu grande conhecimento ou habilidade graças à experiência, à prática [...]." (NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 1975)

> uso do clique direito do mouse, utiliza o recurso das janelas com muita presteza. Enfim, navega com muito conhecimento. (SANTAELLA, 2009, p.61)

Para o usuário leigo foi dado o seguinte problema: “entrar em uma homepage brasileira e procurar informações sobre videoquê”, e foi dada a seguinte avaliação para o usuário:

> [...] pode-se perceber que, embora usuária da internet há seis meses, ela se limita a fazer sempre as mesmas coisas: bate-papo e e-mails. Não se aventura a explorar outras realidades. Não está acostumada com o ambiente da internet. Diante da tarefa proposta, depois de algumas tentativas, parecia que havia parado de raciocinar e, no fim, ficou desesperada. Muito perdida, pediu ajuda. (SANTAELLA, 2009, p. 62)

Para o usuário novato foi apresentado o problema: “entrar em um site brasileiro de bate-papo, de outro provedor, diferente do UOL, que é aquele que ela tem usado há 6 semanas”, abaixo está descrita a avaliação do usuário:

> [...] essa usuária memorizou um único caminho na rede. Fora dele, tudo o mais lhe era incompreensível. Com inocência, ela disse ao entrevistador que só podia usar o site da UOL porque era assinante da UOL. Nem lhe passava pela cabeça a existência de um número enorme de sites que podem ser acessados livremente. Seu desconhecimento da rede era quase completo. “seu uso era também muito limitado. (SANTAELLA, 2009, p.62-63)

Outras fases, intermediárias à pesquisa de Santaella, mas que foram de grande valia, se deram pela gravação de vídeos durante as entrevistas participativas. Só assim, as descrições de como se davam as dificuldades sensório-motoras dos usuários foram mais bem identificadas. Tais dificuldades se apresentam nos usuários menos experientes que apresentam dificuldade em manipular o mouse, teclado, e a reação diante dos signos que aparecem na tela.

Outro objeto de complementação dos estudos da pesquisa foi o testemunho dado pelos usuários experientes a cerca do processo de navegação. Com tais resultados nas coletas a autora tomou por base as pesquisas em solução de problemas para realizar a interpretação dos dados.

8.1.2 Interpretação dos dados da pesquisa realizada por Santaella

Na interpretação de dados a autora pode perceber que a frequência de uso da rede é maior conforme sobre o grau de familiaridade do usuário com o computador e seus operadores, ou seja, infere-se que a prática aprimora a assimilação do uso experiente da rede.

Para os novatos, foi notada uma desorientação diante da rede, que pode ser atribuída ao desconhecimento dos signos que apareciam na tela, falta de paciência para solucionar as questões que envolviam a atenção, ansiedade e insegurança nas operações. Já o usuário leigo, por já ter internalizado algumas rotas, identificando com mais facilidade alguns dos operadores, possui uma facilidade maior em “se virar” para realizar buscas através da rede. Na tentativa e no erro esses usuários caminham com um reconhecimento mais apurado da rede. O experto, de forma desenvolta e com rapidez, manipula as ferramentas, traça rotas reversíveis e acertadas para realizar buscas, e não apresenta dúvidas a cerca dos signos que lhe aparecem durante a navegação.

9 DELINEAMENTO DA NOVA PESQUISA

O objetivo da pesquisa de campo é analisar o perfil do novo leitor, identificado na revisão de literatura. A ratificação do perfil desse leitor é o ponto chave de exploração do presente trabalho. Para tanto, os impactos da inserção de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na sociedade, devem ser analisados, abordando questões que envolvam as formas, a frequência, e as preferências de utilização, que cercam esses aparatos. Essas e outras perguntas implicam em repostas para questões como quais são as influências do *e-book* e do ambiente virtual nas maneiras do usuário agir e interagir com a informação.

9.1 Universo e amostra

O universo da pesquisa são leitores familiarizados com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação. Para definir a amostra, partiu-se de um reconhecimento prévio do entrevistado.

9.2 Coleta de dados

Na nova pesquisa pretendeu-se utilizar os resultados já encontrados por Lúcia Santaella, como embasamento a um novo levantamento de dados que reveja o comportamento do Perfil do Novo Leitor. E também, que procure identificar o nível de uso e entusiasmo dos mesmos com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), e sua opinião diante do dilema que envolve o fim do livro impresso. Na atual pesquisa, não foi levantado o questionamento sobre o estágio de expertise em que o usuário se encontra diante da rede. Como pré-requisito à participação da pesquisa, o leitor já se situa no nível de “usuário experto”.

Ao total, foram distribuídos 40 questionários aleatoriamente. A aplicação dos questionários foi realizada em ambientes onde pudessem ser encontrados usuários com o perfil pretendido. Servidores da BCE-UnB e da biblioteca do Senado Federal, que trabalham utilizando computadores, foram parte da amostra, assim como estudantes da UnB e de outras instituições de ensino. A coleta foi realizada na BCE e no Senado Federal, tanto para os servidores quanto para os estudantes. Houve também uma entrevista realizada na FNAC, loja do Parkshopping; onde eletrônicos

e novidades tecnológicas do mercado são comercializadas. Os usuários pertencentes à faixa de 15-20 anos foram entrevistados nesse estabelecimento. A coleta ocorreu no mês de setembro de 2011. Os pesquisados foram questionados acerca de sua familiaridade com a rede, apenas para reiterar as observações de Santaella. Por fim, foram elaboradas questões que pudessem embasar algum comportamento comum a esses usuários, acerca da influência das NTIC em sua interação com a rede.

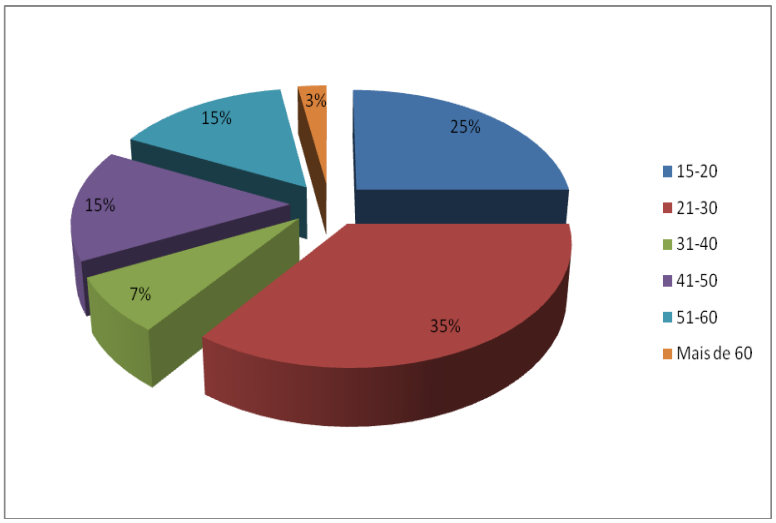
Outro ponto importante que difere a nova pesquisa da realizada pela Santaella é o fato de que a escolaridade mínima (Ensino Médio completo) foi um critério desconsiderado na seleção de entrevistados. Isso se deve à importância de analisar as características de navegação e leitura em rede da nova geração - os "Nativos Digitais".

9.3 Descrição e análise de dados

Escolaridade X Faixa etária

Com o objetivo de observar a influência e o entusiasmo, sobre as NTIC, dos leitores, não houve delimitação de idade e escolaridade, a fim de que se obtivessem resultados mais próximos da realidade em que a sociedade está inserida. Baseado nesse contexto, a amostra envolveu dos "Nativos Digitais" (comumente entendido como aqueles nascidos depois dos anos 80), os "Imigrantes Digitais" aos chamados "Estabelecidos Digitais". De acordo com o Gráfico 1, a categoria com maior número de representantes, é a de 21-30 anos, onde do total de 40 pessoas, estão incluídas 14. A com menor representatividade é a categoria "Mais de 60 anos", onde apenas 1 pessoa participou do estudo de caso. Nas demais categorias, foram entrevistadas: 10 de 15-20 anos; 3 de 31-40 anos; 6 de 41-50; 6 de 51-60.

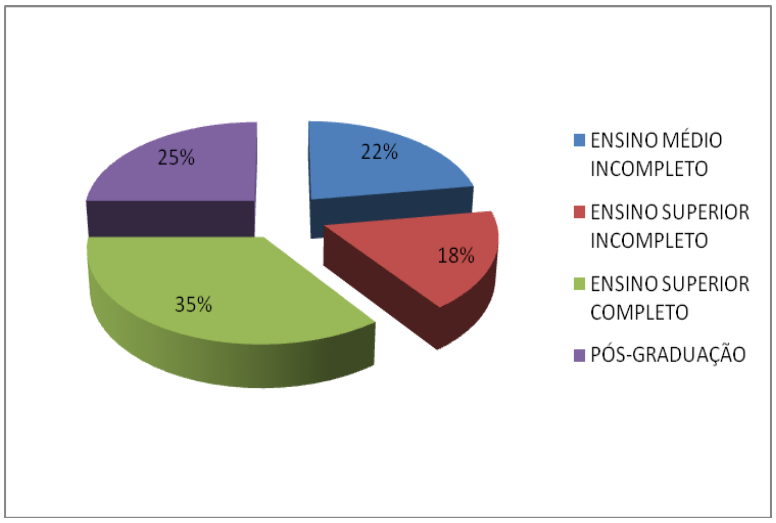
Gráfico 1 – Amostra por faixa etária



Fonte: As autoras

Considerando ainda esse mesmo propósito – e a definição básica de “Nativo Digital”-, o grau de escolaridade verificado é bastante variado: Ensino Médio incompleto à Pós-graduação - como mostra o Gráfico 2. O número total de participantes com Ensino Médio incompleto (9); 6 dos 7 participantes com Ensino Superior incompleto; 5 dos 14 participantes com Ensino Superior completo; e apenas 4 dos 10 entrevistados de Pós-graduação, fazem parte da parcela da amostra que constitui os “Nativos Digitais” – aqui, entendido como nascidos após os anos 80.

Gráfico 2 – Escolaridade

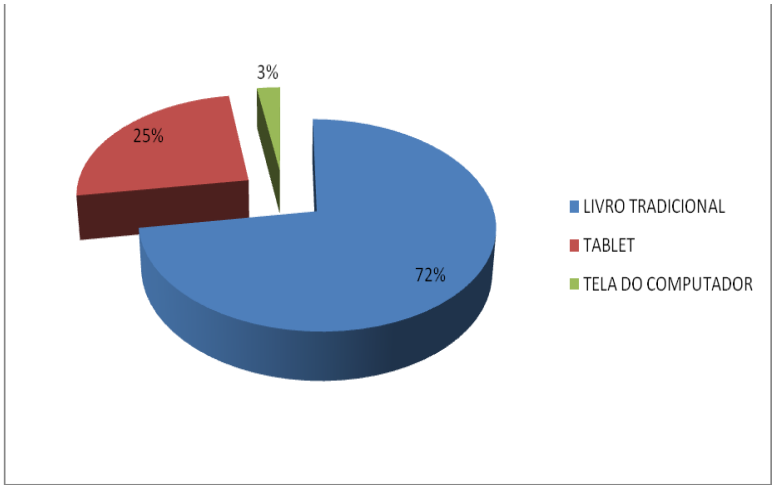


Fonte: As autoras

Preferência de suporte X Previsão sobre o livro X Volume de leitura em mídias digitais X Faixa etária

Ao questionar o suporte de preferência para praticar a leitura, chegou-se ao seguinte resultado, como indica o Gráfico 3: 29 pessoas preferem ler no livro impresso; 10 optam pela leitura em *tablets*, enquanto apenas 1 pessoa diz preferir ler na tela do computador.

Gráfico 3 – Preferência de Suporte



Fonte: As autoras

Analisando as repostas dos indivíduos inseridos na categoria de 15-20 anos, percebeu-se um interesse geral mais voltado à tecnologia, porém ainda há adeptos à leitura em livros impressos. Dos 10 entrevistados nessa faixa etária, 4 dizem ainda preferir ler no livro tradicional, contra 6 que têm preferência em ler em tablets, conforme apresentado na Tabela 1. Observa-se que na categoria 21-30 anos há uma predominância clara na preferência do livro impresso, como suporte para leitura (13 pessoas, contra 1 que prefere o tablet). É possível inferir que existe um tradicionalismo e apego a um suporte que pode vir a ser substituído.

Percebe-se que, quanto maior a faixa etária, maior a preferência pelo suporte tradicional, isto é, o livro impresso, em detrimento de suportes mais novos e tecnológicos, como o *tablet* e a tela do computador. Tal fato pode se justificar por um choque geracional.

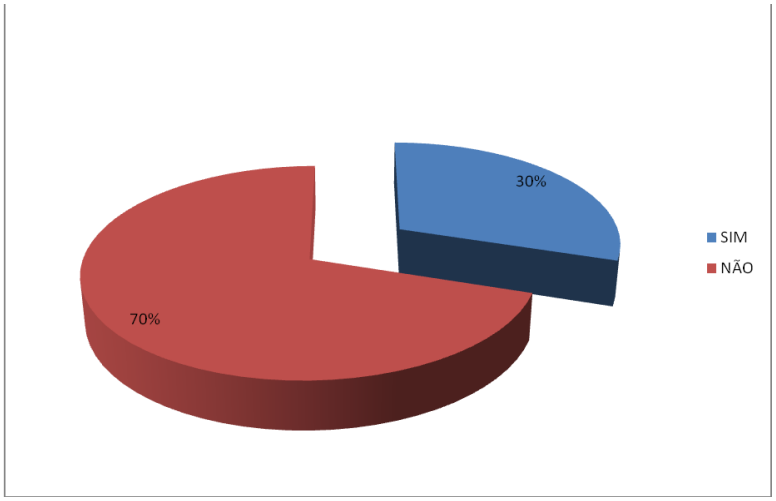
Tabela 1 – Suporte de leitura preferido por faixa etária

Idade	Suporte preferido para leitura			
	Livro	Tablet	Tela do computador	Total
15-20	4	6	-	**10**
21-30	13	1	-	**14**
31-40	1	2	-	**3**
41-50	5	-	1	**6**
51-60	6	-	-	**6**
Mais de 60	-	1	-	**1**
Total	**29**	**10**	**1**	**40**

Fonte: As autoras

Constatou-se que dos 40 entrevistados, 12 acreditam no fim do livro tradicional em papel, e que os 28 restantes defendem a continuidade do material impresso, como mostra o Gráfico 4 e a Tabela 2:

Gráfico 4 – Fim do Livro Impresso?



Fonte: As autoras

Tabela 2 – Previsão quanto ao fim do livro impresso por faixa etária

Idade	Acredita que o livro impresso vai acabar		Total
	Sim	Não	
15-20	6	4	**10**
21-30	1	13	**14**
31-40	-	3	**3**
41-50	-	6	**6**
51-60	4	2	**6**
Mais de 60	1	-	**1**
Total	**12**	**28**	**40**

Fonte: As autoras

Muito desse possível tradicionalismo que envolve o “fenômeno dos 21-30 anos” pode estar associado à multifuncionalidade que as ferramentas hipermidiáticas oferecem. Existem várias possibilidades quando se está conectado à rede: bate-papo, redes sociais, *blogs*, sites de vendas, vídeos, música, e outros. Todas essas ferramentas possibilitam ao usuário ser multitarefa, algo que é contestado no âmbito de características positivas e negativas dos “Nativos Digitais”. Portanto, muitas vezes a ideia de estar conectado pode levar o indivíduo a uma desconcentração em relação a seu objetivo inicial; o que caracterizaria um déficit cognitivo, já discutido no capítulo dos “Nativos Digitais”; e por isso o livro impresso seria considerado uma ferramenta aliada à contemplação (Leitor Contemplativo), ou ao alcance do objetivo inicial do leitor, por exemplo, estudar para uma prova.

O tradicionalismo identificado pode ser explicado pela consciência da falta de concentração que a rede traz, mas outra consciência que prevalece nessa faixa etária é a da possível existência simultânea dos dois suportes, afinal, os benefícios das NTIC são inegáveis.

No grupo cuja faixa etária é de 51-60 anos, das 6 pessoas entrevistadas, 4 delas dizem acreditar no fim do livro tradicional. Isso nos remete a uma ideia pouco comum do estereótipo comportamental dessa faixa etária. Geralmente, quanto mais idade tem a pessoa, mais relutante à tecnologia ela tende ser. Os artifícios tecnológicos se superam muito rapidamente – fato que implica numa renovação e substituição de itens obsoletos quase que instantaneamente – e, nessa característica estereotipada de resistência tecnológica, os indivíduos mais velhos já não têm o mesmo ânimo por novidades, contrariamente aos indivíduos mais novos - que, inconscientemente, já estão incluídos no ambiente tecnológico – ávidos por novas tecnologias e meios de comunicação.

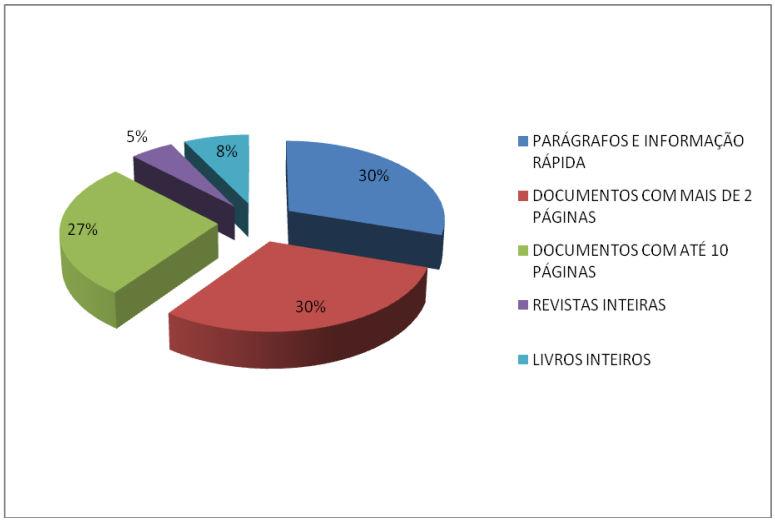
Compreende-se por esses dados que as pessoas com mais de 50 anos passam por uma espécie de “rendição tecnológica”, onde já acostumados, mas não completamente situados, com a ideia de que a tecnologia dominou o mundo, escolhem aceitar essa realidade rendendo-se à tecnologia, porém não se submetendo a ela. Contudo, é importante pontuar que, pela própria pesquisa, as 6 pessoas de 51-60 anos ainda preferem ler em livros tradicionais(TABELA 1); o que demonstra que no grupo pesquisado não há indivíduos nessa faixa etária que sejam mais entusiasmados com a tecnologia.

Há um caso particular na pesquisa que chama atenção para suas preferências: a única pessoa com mais de 60 anos que respondeu ao questionário. Além de acreditar no fim do livro impresso, ela tem como preferência de suporte de leitura o *tablet*. Trata-se de respostas incomuns a essa faixa de idade; como observado nas pessoas de 51-60 anos. Esse caso peculiar pode ser inserido na categorização proposta por John Palfrey, de “*Digital Settler*” ou “Estabelecido Digital”; alguém que não nasceu na Era Digital, mas está inteiramente dentro da realidade tecnológica.

Como mostram o Gráfico 5 e a Tabela 3, a previsão sobre o fim do livro tradicional, das pessoas que leem apenas alguns parágrafos e informações rápidas, é negativa. Infere-se, portanto, características do “Imigrante Digital” – que prefere imprimir documentos eletrônicos com mais páginas para realização da leitura. A

mesma previsão contra o fim do livro impresso ocorre nos usuários que leem documentos com mais de 2 páginas, até 10 páginas.

Gráfico 5 – Volume de Leitura em Mídias Digitais



Fonte: As autoras

Tabela 3 – Previsão quanto ao futuro do livro impresso em razão do volume de leitura em mídias digitais

Volume de leitura em mídias digitais	Acredita que o livro impresso vai acabar		Total
	Sim	Não	
Parágrafo e informação rápida	5	7	12
Documentos com mais de 2 páginas	2	10	12
Documentos com até 10 páginas	3	8	11
Revistas inteiras	1	1	2
Livros inteiros	1	2	3
Total	12	28	40

Fonte: As autoras

Para aqueles que leem revistas eletrônicas, o percentual sobre a previsão do livro tradicionalmente impresso estão no mesmo patamar: metade das pessoas diz acreditar em seu fim e a outra metade defende a continuidade do material impresso. Contrariando expectativas, a percentagem dos que leem livros inteiros em displays e acreditam que o livro impresso sucumbirá, é inferior àqueles que apóiam a permanência do livro impresso.

A análise conjunta dos dados acerca do volume de leitura em mídias digitais e do suporte preferido para leitura leva a constatações esperadas: do total de pessoas que preferem ler no livro impresso, 9 leem apenas informações curtas e rápidas em suportes digitais e 11, documentos com até 2 páginas. Ou seja, a maioria lê informações relativamente curtas em mídias digitais, como mostrado na Tabela 4.

Tabela 4 – Volume de leitura em mídias digitais em razão do suporte preferido para leitura

Volume de leitura em mídias digitais	Suporte preferido para leitura			Total
	Livro	Tablet	Tela do computador	
Parágrafo e informação rápida	9	2	1	**12**
Documentos com até 2 páginas	11	1	-	**12**
Documentos com mais de 10 páginas	8	3	-	**11**
Revistas inteiras	1	1	-	**2**
Livros inteiros	-	3	-	**3**
Total	**29**	**10**	**1**	**40**

Fonte: As autoras

Vale ressaltar que 8 indivíduos do total de pessoas que preferem o livro impresso leem documentos com mais de 10 páginas, o que é um número significativo: 27,6% dos que preferem o livro impresso. Apesar de não ser um valor muito alto, representa quase um terço das pessoas que preferem o livro impresso. Era de se esperar que esse percentual fosse mais baixo, visto que se subentende que pessoas que preferem ler no suporte impresso, o fazem porque para elas a leitura em mídias digitais é menos confortável e, por isso, leem documentos menores em mídias digitais.

Com relação àqueles que preferem ler em *tablete,* verifica-se uma distribuição mais equilibrada dos resultados. Cerca de um terço lê documentos com mais de 10 páginas e a mesma quantidade de pessoas lê livros inteiros, logo, pode-se considerar que 60% das pessoas que preferem o *tablet* leem quantidade significativa de informação em mídias digitais.

Analisando-se os resultados para as previsões quanto ao futuro do livro em razão do suporte preferido para leitura, verificou-se que a maioria das pessoas (23) que não acreditam na extinção do livro impresso são aquelas que preferem ler no livro impresso. Constatou-se também que 60% dos indivíduos que preferem o tablet como suporte de leitura acreditam no fim do livro tradicional, conforme mostra a Tabela 5:

Tabela 5 – Previsão quanto ao futuro do livro impresso em razão do suporte preferido para leitura

Acredita que o livro vai acabar	Suporte preferido para leitura			Total
	Livro	Tablet	Tela do computador	
Sim	6	6	-	**12**
Não	23	4	1	**28**
Total	**29**	**10**	**1**	**40**

Fonte: As autoras

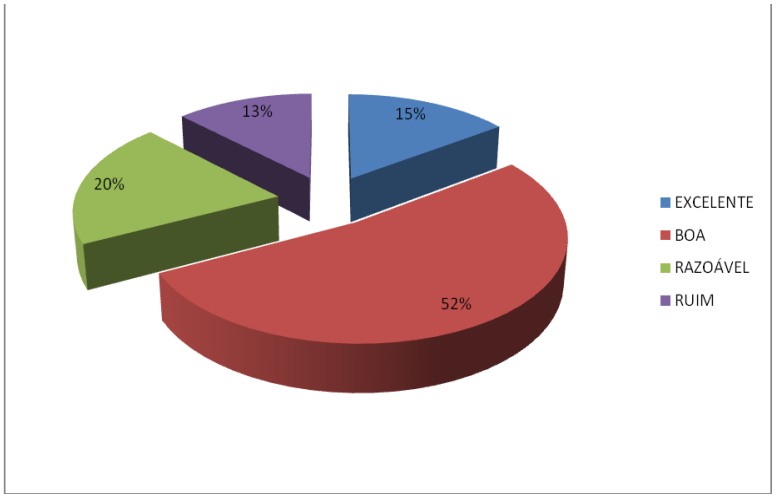
É interessante notar que, dentre as pessoas que preferem o livro impresso, sua maioria não vê um fim para tal suporte. No grupo de pessoas que elegem o *tablet* como preferido, acontece o contrário, sendo que a maioria afirma que o livro impresso deixará de existir. Esses resultados podem ser justificados pelo fato de que existem entusiastas tecnológicos que já não utilizam o livro impresso para realizar sua leitura, e que, portanto não reconhecem mais o suporte tradicional como objeto indispensável a essa prática.

"Nativos digitais, imigrantes digitais, estabelecidos digitais" X Memória

A memória é a capacidade de aquisição, armazenamento e recuperação de informações; podendo ser tanto em memórias internas quanto externas – as chamadas memórias artificiais. No contexto em que o presente trabalho aborda, a memória é a capacidade intelectual do ser humano de adquirir, reter e lembrar informações obtidas através da leitura em mídias digitais.

Como o gráfico 6 expõe, 21 dos 40 entrevistados, que correspondem aos 52% da amostra, declarou que sua capacidade de reter informações, obtidas em meio digital, é "Boa". Em seguida, o grupo que constitui 20% do total de entrevistados, é o de "Memória Razoável", no qual estão inseridas 8 pessoas. As categorias com menos representatividade foram as "Excelente" – onde apenas 6 pessoas estão incluídas – e "Ruim" – que reúne 5 participantes. Além disso, as categorias de faixa etária também apresentaram distinções em relação à memória, como observado na Tabela 6.

Gráfico 6 – Memória



Fonte: As autoras

Tabela 6 – Capacidade de concentração e memorização das informações lidas em mídias digitais em razão da idade

Idade	Qualidade da memória				Total
	Excelente	Boa	Razoável	Ruim	
15-20	4	6	-	-	10
21-30	-	5	4	4	13
31-40	-	2	1	-	3
41-50	2	1	2	1	6
51-60	-	5	1	-	6
Mais de 60	-	1	-	-	1
Total	6	20	8	5	39

Fonte: As autoras

O grupo “15-20” – que representa 25% da amostra total – inclui 4 pessoas que classificaram a sua memória como “Excelente” e outras 6 pessoas que a elegeram como “Boa”. Já no grupo de maior representatividade – “21-30”-, que é composto por 14 pessoas e representam 35% da amostra total, 6 entrevistados declararam ter “Memória “Boa”, 4 pessoas responderam “Memória Razoável” e outras 4 dizem ter “Memória Ruim”. A categoria “41-50”, 15% da amostra total, foi a única que revelou maior diversidade. Dentro os 6 entrevistados as respostas foram: 2 - “Excelente”; 1 – “Boa” 2 - “Razoável”; 1 – “Ruim”. No grupo “Mais de 60”, com apenas 1 participante, a classificação da memória foi “Boa”. Nos conjuntos “31-40” e “51-60”, obteve-se apenas as respostas “Boa” e “Razoável”.

As respostas coletadas através do questionário fornecem a opinião dos entrevistados e não um fato verificado cientificamente. A noção da qualidade da capacidade de memorização pode variar entre as pessoas e, por isso, são necessários outros estudos baseados em parâmetros científicos de avaliação da memorização do conteúdo lido em mídias digitais. É importante avigorar a ideia de John Palfrey, que observou que os indivíduos não são necessariamente rotulados como “Nativos Digitais” ou “Imigrantes Digitais” pela idade, mas que podem assim ser classificados pelo seu interesse pela tecnologia e por que não dizer, também, pelo seu contato com a tecnologia? Existem barreiras sociais, culturais e econômicas; sem contar, é claro, a própria barreira tecnológica; que moldam esse indivíduo, e é aqui que os conceitos de “Estabelecido Digital”, bem como o indivíduo que nasce na Era Digital, e que não se estabelece como “Nativo Digital” (justamente por não ingressar no meio tecnológico), são inseridos.

Revelam-se através desses dados duas teorias. A primeira, e menos valiosa para o objetivo deste trabalho, é a hipótese de deterioração da memória com o envelhecimento do indivíduo. A segunda, e agora própria ao objetivo dessa pesquisa, é a proposição de que o leitor do século XXI possui aptidões perceptivo-cognitivas mais variadas e aguçadas do que o leitor do passado. A interação com artefatos que permitem contanto instantâneo com informações diversificadas e em tempo real, trazem à tona novas características próprias aos indivíduos que já “nascem conectados” e trazem em si uma naturalidade para lidar com o meio digital, sem freios, vícios e “sotaques” como seus companheiros, “Imigrantes Digitais” e “Estabelecidos Digitais”.

Verificou-se que, no grupo pesquisado, a capacidade de memorização das informações obtidas em mídias digitais é maior entre os indivíduos que preferem o *tablet* como suporte de leitura, conforme mostra a Tabela 7. Desses 10 indivíduos, 40% disseram que a memorização é excelente, e 50%, que é boa. Apenas 1(10%) afirmou que é razoável e nenhum disse que é ruim. Em comparação, das 29 pessoas que preferem o livro tradicional, 2 pessoas disseram ter uma memorização excelente de informações lidas em mídias digitais, representando cerca de 7% desse total; 15 pessoas (52%) afirmaram ter boa memorização, ou seja, mais da metade dos que preferem o livro tradicional; 7 (24%) têm capacidade razoável de memorização e 5 (17%).

Tabela 7 – Capacidade de concentração e memorização das informações lidas em mídias digitais em razão do suporte preferido para leitura

Suporte preferido	Memorização das informações lidas em mídias digitais				Total
	Excelente	Boa	Razoável	Ruim	
Livro tradicional	2	15	7	5	29
Tablet	4	5	1	-	10
Tela do computador	-	1	-	-	1
Total	6	21	8	5	40

Fonte: As autoras

Apesar de o percentual de boa memorização ser significativo e muito próximo ao percentual do resultado para pessoas que preferem o *tablet*, a quantidade de pessoas que preferem o livro tradiconal que disseram ter “Memória Excelente” é inferior. Além disso, o percentual de memorização razoável e ruim é maior.

Finalmente, a única pessoa que prefere ler na tela do computador afirmou ter capacidade de memória boa para informações obtidas em mídias digitais. Os resultados levam a crer que as pessoas que preferem suportes digitais para a leitura têm melhor capacidade de concentração e de memorização das informações obtidas em mídias digitais, talvez porque têm mais contato com as mesmas e já se habituaram a elas.

10 CONCLUSÃO

Desde os primórdios, o homem procurou maneiras de registrar suas memórias. A necessidade de preservar e transmitir o saber humano suscitou mudanças nas atividades rotineiras do homem, bem como transformações nos componentes capazes de preservar o registro dos conhecimentos. De escrituras feitas em pedras, tabuletas de argila, madeira, papiro, pergaminho e papel; o homem aprimorou suas técnicas até chegar ao meio virtual, e agora, ao suporte digital, como os displays eletrônicos, mais especificamente, os *e-books*.

Esses novos suportes, formatos e a própria interação com a informação, de caráter mais veloz e dinâmico, promovem mutações no perfil do leitor. Os novos artefatos tecnológicos permitem um acesso às informações mais intimista e variável de acordo com o "objetivo informacional" de quem as procura. Essas mudanças sugerem uma nova perspectiva sobre leitor do pós-moderno – aqueles que nascem conectados, os que se rendem, e aqueles que se submetem às novas tecnologias por entusiasmo.

A intenção de identificar e analisar o novo perfil de leitor, as mudanças nos hábitos de leitura; o entendimento do impacto causado pela inserção de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, e a influência do ambiente virtual nas maneiras de agir e interagir com a informação; foram atingidos, enquanto objetivos do presente trabalho. Com a aplicação do questionário, foi possível, num primeiro momento, reafirmar as categorias uma vez definidas por Lúcia Santaella (2009). Mas, também, estabelecer novos critérios que são objetivos próprios dessa nova pesquisa, por exemplo, a proposta de que os indivíduos mais novos possuem habilidades naturais de interagir com o meio digital, exatamente por estarem familiarizados com tal ambiente desde muito cedo.

Nessa perspectiva, vê-se a aproximação da memória do indivíduo das habituações e habilidades precoces de interagir com o meio digital, e nesse sentido, explora-se o conceito de "Nativo Digital" – não ligado tão somente à faixa etária, mas também ao seu entusiasmo tecnológico, como John Palfrey (2008) uma vez alegou. Ratificando a declaração de Palfrey, admite-se a ideia de que a "prática aprimora a assimilação do uso experiente da rede" (SANTAELLA, 2009, p. 42), analogamente quanto mais se usa o computador melhor se torna a memória em sua utilização. Isso pode ser observado com a própria análise de dados, em que conforme se delineia a

preferência de suporte de leitura, juntamente com o volume de informação que se lê (o que consequentemente mede o nível de uso de tais ferramentas), observa-se a progressão no nível de memória. O que significa dizer, que, caso o indivíduo tenha como preferência a leitura em displays eletrônicos, supõe-se que sua capacidade de memorização das informações lidas, em mídias digitais, seja maior se comparada àqueles que preferem praticar a leitura em livros tradicionais. Aqui não mais se aplica tão somente o conceito de "Nativo Digital", mas também de "Imigrantes Digitais" e "Estabelecidos Digitais".

Privilegiado também nesse estudo, foi o questionamento acerca da polêmica "fim do livro". Contrariando expectativas, o resultado a respeito da extinção do material impresso, foi negativo. Dos 40 questionários analisados, apenas 12 obtiveram resposta afirmativa em relação ao detrimento do livro tradicional, enquanto as outras 28 respostas defenderam sua continuidade.

A descrença sobre o fim do livro impresso está inteiramente ligada à preferência de suporte para se realizar a leitura, afinal, se há predileção por determinado objeto, é óbvia a intenção de não apoiar o seu fim. O que não significa dizer que os mesmos indivíduos, que sustentam a permanência do livro, não fazem uso das facilidades incontestáveis que o meio virtual possibilita. Contrapondo-se às discussões, a realidade em que a coletividade está inserida nos permite dizer que os "livros impressos e digitais coexistirão dentro da sociedade da informação, ambos contribuirão segundo o seu papel" (MENEZES, 2010, p. 75).

Deste modo, admite-se, que o perfil do leitor pós-moderno contém características semelhantes e distintas do leitor do passado. Num contexto em que o material impresso continua sendo produzido em larga escala, o novo leitor desenvolve-se, também, num universo de informações velozes, que a cada instante admite ferramentas que promovem um melhor acesso, tornando os trajetos da leitura cada vez mais ilimitados e passíveis de interação.

Conclui-se que as novas tecnologias mudam significativamente o cotidiano e as relações das pessoas com o mundo, consequentemente, no modo como se lê. A realidade virtual elimina distâncias existentes entre o sujeito e o objeto, porém, isso não significa dizer que a cultura e a sociedade também mudam por completo seus hábitos, de tal maneira que seria precoce determinar características taxativas e restritivas ao leitor do século XXI. Compreende-se, portanto, baseado nos dados coletados, que o novo leitor, ao mesmo tempo em que está intimamente ligado às

Novas Tecnologias, igualmente reconhece o valor do livro clássico. Suas formas de ler ligam-se às interfaces e ferramentas disponíveis em computadores e na Internet. Certifica-se a ideia de que o manuseio com os novos artefatos tecnológicos e a facilidade de se adaptar a eles é indissociável do indivíduo que passa a existir dentro desse contexto.

Assim sendo, é plausível que haja uma coexistência entre o livro impresso e o livro eletrônico e não uma sobreposição de um em detrimento do outro. Santo e Espírito Santo (2006, p. 6) sustentam tal proposta ao afirmar que “o *e-book* vem alcançando uma larga aceitação, mas ainda é cedo para tirar conclusões a respeito do impacto causado pelo livro eletrônico na vida do leitor pós-moderno”.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Daniela Camila de. Novas tecnologias para novos leitores. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Caxias, RS, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1428-1.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2011.

BALADELI, Ana Paula Domingos. Hipertexto e multiletramento: revisitando conceitos. **E-scrita**: revista do Curso de Letras da Uniabeu, Nilópolis, v. 2, n. 4, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/viewFile/52/pdf_40>. Acesso em: 3 abr. 2011.

BENÍCIO, Christine Dantas. **Do livro impresso ao e-book**: o paradigma do suporte na biblioteca eletrônica. 2003. 142 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)–Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003. Disponível em: <http://www.rabci.org/>. Acesso em: 5 abr. 2011.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. A problemática dos e-books: um contributo para o estado da arte. In: CONFERÊNCIA IBEROAMERICANA EM SISTEMAS, CIBERNÉTICA E INFORMÁTICA, 6., 2007, Orlando. **Memórias**... Orlando: [s.n.], 2007. v. 2. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6717/1/book.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2011.

CAMPOS, Gisela Pincowsca Cardoso. O processo de leitura: da decodificação à interação. **Revista ACB**: Biblioteconomia, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 24-39, jul./dez., 2010. Disponível em: <http://www.faculdadeobjetivo.com.br/arquivos/OProcessoDeLeitura.>. Acesso em: 8 maio 2011.

CHARTIER, Roger. Do códige ao monitor: a trajetória da escrita. **Estudos avançados**, [S.l.], v. 8, n. 21, p. 185-199, 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/12.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2011.

COSTA, Jorge Campos da; ANDRADE, Gilberto Keller de. Textual: as novas tecnologias de publicação digital. **Educ**, Porto Alegre, v. 1 n. 12, p. 36-42, out. 2009. Disponível em: <http://www.sinpro-rs.org.br/textual/out09/Novas%20tecnologias.pdf >. Acesso em: 19 maio 2011.

ECO, Humberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. _**Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FARBIARZ, Alexandre; NOJIMA, Vera Lúcia Moreira dos Santos. Um breve olhar sobre a ruptura eletrônica do livro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS

DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos**... São Paulo: Intercom, 2003. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/5151/1/NP4FABIARZ.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2011.

FERNANDES, Amaury. Notas sobre a evolução gráfica do livro. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 126-148, 2001. Disponível em: <http://www.amaury.pro.br/textos/NotEvGrafLiv.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2011.

FISCHER, Steven R. **História da leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HOLANDA, A. B. **Dicionário Aurélio escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

IMIGRANTE ou nativo? Rio de Janeiro: Editora Globo, [20-?]. Disponível em: <http://editora.globo.com/pesquisas/quiz_epoca_070907.htm>. Acesso em: 10 out. 2011.

LIMA, Daniele et. al. Leitura no ciberespaço: uma nova modalidade de aquisição de informações. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO, E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 33., 2010, João Pessoa. **Os desafios do profissional da informação frente às tecnologias e suportes informacionais do século XXI**: lugares de memória para a biblioteconomia. João Pessoa, 2010. Disponível em: <http://dci.ccsa.ufpb.br/enebd/index.php/enebd/article/viewFile/46/32>. Acesso em: 25 abr. 2011.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MENEZES, Kelson Anthony de. **Livro eletrônico**: diferentes ângulos da mesma questão. 2010. 84 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia)− Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/1153/1/2010_KelsonAnthonyMenezes.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2011.

MESQUITA, Isabel Chaves Araújo; CONDE, Mariana Guedes. A evolução gráfica do livro e o surgimento dos e-books. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 10., 2008, São Luís. **Anais eletrônicos**... São Paulo: Intercom, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0645-1.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2011.

NOVO dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

OLIVEIRA, Gerson Pastre de. Comunicação e a construção do conhecimento em cursos universitários: novas tecnologias da informação e das reflexões sobre acesso, conexões e virtualidade. **OEI**: revista iberoamericanca de educación, [S.l.], p. 1-9, 2000. Disponível em: <http://www.rieoei.org/deloslectores/344Pastre.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2011.

PASE, André Fagundes. Do papel ao iPad, livros e revistas publicadas como aplicativos em bibliotecas 2.0. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos**... São Paulo: Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3122-1.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2011.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Born digital**: understending the first generation of digital natives. New York: Perseus Books, 2008.

PALFREY, John; GASSER, Urs; MACLAY, Colin. Nativos digitais e as três barreiras a superar. **Situação mundial da infância 2011**: adolescência: uma fase de oportunidades. Nova Iorque: Unicef, 2011. Disponível em: <http://www.unicef.pt/18/Relatorio_SOWC_2011.pdf>. Acesso em: 15 out. 2011.

PAULINO, Suzana Ferreira. Livro tradicional x livro eletrônico: a revolução do livro ou uma ruptura definitiva? **Hipertextus**, [S.l.], n. 3, jun. 2009. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume3/Suzana-Ferreira-PAULINO.pdf >. Acesso em: 3 abr. 2011.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. **On the horizon**, Berkeley, v.9, n.5, p. 1-6, oct. 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20 Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 26 set. 2011.

RIBEIRO, G. M.; CHAGAS, R. L.; PINTO, S. L. O renascimento cultural a partir da imprensa: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV. **Akropólis**, Umuarama, v. 15, n. 1 e 2, p. 29-36, jan./jun.2007. Disponível em: <http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/1413/1236>. Acesso em: 4 abr. 2011.

RODRIGUES, Jeorgina Gentil. Da “galáxia de Gutenberg” ao ciberespaço: do livro impresso ao eletrônico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. **Proceedings**... Porto Alegre: Centro de Eventos da PUC-RS, 2000. Disponível em: <http://www.dici.ibict.br/archive/00000750/>. Acesso em: 20 mar. 2011.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2009.

SANTOS, Iara Edilene e Santos; ESPÍRITO SANTO, Eniel. Ebook: buscando compreender o leitor da pós-modernidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais eletrônicos**... São Paulo: Intercom, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0969-1.pdf >. Acesso em: 3 abr. 2011.

SILVA, Giana Mara Seniski; BUFREM, Leilah Santiago. Livro eletrônico: a evolução de uma idéia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001,

Campo Grande. **Anais eletrônicos**... São Paulo: Intercom, 2004. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP4BUFREM.pdf > Acesso em: 9 mai. 2011.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, [S.l.], v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302002008100008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 28 abr. 2011.

VILLAÇA, Nizia. **Impresso ou eletrônico**: um trajeto da leitura. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=27eKhE279tUC&oi=fnd&pg=PA9&dq=livro+eletronico&ots=laPnsZYWnS&sig=5gKGEK1s0D-7GrNzT5F4iG27zV8#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 28 mar. 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CARVALHO, Kátia de. O admirável mundo da informação e do conhecimento: livro impresso em papel ou livro eletrônico. **Biblios**: revista de Bibliotecología y Ciencias de La Información, Lima, v. 7, n. 24, abr./jun. 1999. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10760/8092>. Acesso em: 28 abr. 2011.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra, 1996. 105 p. (Ensaios, 7).

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Questionário para pesquisa que constará do trabalho de conclusão de curso das alunas Fernanda Alves Mignot e Natashe Cristina Vechi, do curso de graduação em Biblioteconomia na UnB.

O presente questionário visa identificar o grau de familiaridade do usuário de redes de computador com suas ferramentas, e verificar seu entusiasmo com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.

1. Idade:

( ) 15-20 ( ) 21-30 ( ) 31-40 ( ) 41-50 ( ) 51-60 ( ) Mais de 60

2. Grau de escolaridade:

( ) Ensino Fundamental ( ) Ensino Médio ( ) Ensino Superior ( ) Pós-graduação

( ) Completo ( ) Incompleto

3. Utiliza a Internet com que frequência:

( ) Uma a três vezes por semana

( ) Quatro a seis vezes por semana

( ) Todos os dias

( ) Mais de uma vez por dia

4. Há quanto tempo faz uso da Internet:

( ) Menos de um ano

( ) Pouco mais de um ano

( ) Mais ou menos três anos

( ) Mais ou menos cinco anos

( ) Mais de sete anos

5. Que tipos de uso faz da Internet:

( ) *Blogs*

( ) Site próprio

( ) Leitura de artigos, revistas, etc

( ) *Chat*

( ) E-mail

( ) Jogos

( ) Redes Sociais

( ) Site próprio

( ) Leitura de artigos, revistas, etc

6. Utiliza hiperlinks (link que faz ligação externa, dentro de uma página, a outras páginas da Web) **para navegar entre uma página e outra? Justifique sua resposta.**

( ) SIM

( ) NÃO

7. Navega entre duas ou mais páginas abertas ao mesmo tempo:

( ) SIM

( ) NÃO

8. Ao realizar buscas na Internet, com que frequência encontra resultados satisfatórios ao seu objetivo? (Considere uma busca simples, por exemplo, pesquisar o significado de uma palavra em francês)

( ) Sempre

( ) Frequentemente

( ) Raramente

( ) Nunca

9. Manipula o mouse e o teclado com facilidade:

( ) SIM

( ) NÃO

10. Conhece e utiliza os recursos do mouse (clique com botão esquerdo, direito, botão de rolagem)**?**

( ) SIM

( ) NÃO

11. Conhece e utiliza os recursos mais básicos do teclado (tecla Caps Lock, Enter, Esc, Tab, sinais de pontuação, e outros recursos que permitem a edição de textos)**?**

( ) SIM

( ) NÃO

12. Já manipulou algum display que possua a tecnologia Touch (sensível ao toque)?

( ) SIM

( ) NÃO

13. Considerando o volume de informações que lê em computadores, assinale as opções que mais se aplicam ao seu perfil:

( ) Apenas alguns parágrafos, e informações mais rápidas

( ) Documentos com mais de duas páginas

( ) Documentos com até 10 páginas, em média

( ) Revistas inteiras

( ) Livros inteiros

14. Em qual destes suportes você prefere praticar a leitura?

( ) Livro tradicional

( ) Tela do computador

( ) Celular

( ) Tablet (dispositivo eletrônico que pode ser usado para acesso à Internet, visualização de fotos, vídeos, leitura de livros, jornais e revistas e entretenimento com jogos)

15. Considerando a leitura em mídias digitais, como você avalia sua capacidade de concentração e memorização das informações lidas?

( ) Excelente
( ) Boa
( ) Razoável
( ) Ruim

16. Dada a seguinte colocação: "Os livros serão relíquia no futuro, os displays substituirão o livro", dê sua opinião sobre a previsão:

( ) Verdadeiro
( ) Falso
( ) Ambos os suportes coexistirão

Obrigada pela colaboração!